PREÇO DA ASSIGNATURA

Sem estampilha: anno 4$500 réis; semestre: 2$350 rs.; trimestre: 1$200; avulso 50 reis. Com estampilha: anno 5$140 reis; semestre 2$650; trimestre 1$350; avulso 55 rs.

Correspondencias de interesse particular: por linha 30 reis. Annuncios: por linha 30 rs; repetição 15 reis. Publicações no corpo do jornal, 60 reis por linha.

Os srs. assignantes effectivos teem direito á inserção gratuita das publicações que quizerem fazer e que estejam em harmonia com os principios do jornal.

ESCRIPTORIO DA ADMINISTRAÇÃO

LARGO DA VERA-CRUZ

AVEIRO

# CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

REDACÇÃO

Manuel Firmino d'Almeida Maia (proprietario) e Fernando de Vilhena

ASSIGNA-SE UNICAMENTE

Em Aveiro: No escriptorio da administração. A importancia da assignatura póde ser remettida em sellos ou estampilhas, ou por vale sobre alguma casa d'esta cidade.

As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção sejam ou não publicados, não serão restituidos.

A circumstancia de receber o jornal sem o devolver, importa responsabilidade pela importancia do tempo por que se recebe.

ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO

LARGO DA VERA-CRUZ

AVEIRO

ANNO XXXII — SABBADO 23 DE SETEMBRO DE 1882 — NUMERO 3:129

## Aveiro

### SUPPRESSÃO DOS BISPADOS

A linguagem do summo pontifice, como se vê da sentença do eminentissimo cardeal bispo do Porto, refere-se ao que se passou em Lisboa, em 29 de novembro de 1880, no consistorio dos principes da egreja lusitana. E' pois claro, que é a elles, e não a Roma, que devemos impor a responsabilidade da extincção das diocezes.

N'aquella reunião dois prelados levantaram a sua voz a favor da conservação da cathedral aveirense. Foram o venerando arcebispo d'Evora e o não menos respeitavel bispo de Bragança e Miranda. Advogaram elles com firmeza a causa da nossa antiga circumscripção ecclesiastica. O primeiro adduzio factos e fez considerações de todo o ponto verdadeiras, para justificar a existencia d'este bispado. Concluio por que se desse um pastor á egreja d'Aveiro, que bem digna era de tal concessão. O segundo fallou no mesmo sentido, mostrando-se em tudo conforme com o parecer do seu illustrado confrade. A discussão não se demorou, e os votos decidiram contra nós, salvando-se com tudo Beja e Portalegre, ignorando nós ainda hoje as rasões que se deram para semelhante excepção.

Para o aniquilamento dos cinco bispados suprimidos, concorreram os motivos que o eminentissimo sr. D. Americo ennunciou na sua sentença. Convinha tornar mais espaçosa a area dos bispados que ficassem subsistindo, augmentar o poder dos bispos não só com o alargamento das respectivas circumscripções, mas tambem com o acrescentamento dos proventos. Era este o meio, segundo sua eminencia, de cooperar para o esplendor da egreja e dos seus pastores.

Aqui nascem as nossas divergencias. Nem á egreja nem ao estado convinha o augmento territorial dos bispados, porque quanto maior fôr a zona submettida á administração espiritual de cada prelado, maior será a sua importancia e valimento. Não raro se levantam luctas entre a auctoridade ecclesiastica e a auctoridade civil. Infelizmente os governos são demasiado fracos para resistirem a certas imposições, que tentam absorver os direitos do real padroado. Principalmente no ultramar é onde as dissidencias se manifestam com mais frequencia. E é n'estas condições que o estado obtempera ás deliberações dos bispos e suprime diocezes, concorrendo por este modo para cimentar um poderio, que o assoberba!

Não nos parece ser este um acto de boa politica, muito principalmente quando vemos em perigo os interesses legitimos da religião. E' incontroverso que do que se não tratou no conclavo de 29 de novembro foi das conveniencias dos fieis, aliás a suppressão não seria hoje um facto consummado. Se se olhasse bem para o estado da sociedade portugueza, não se teria proposto para Roma aquella extincção, que pode ser o motor de graves perturbações, em pura perda da egreja catholica.

Desejamos que os factos venham desvanecer os nossos receios, e que não haja motivo para levar mais longe os nossos reparos. Mas quem vê de perto os effeitos da propaganda socialista, não pode deixar de temer, que o mal se propague, devido exclusivamente á concordata de 14 do corrente.

E não podemos tambem deixar de condemnar o procedimento do governo, que devia ver a questão fóra do campo em os prelados a resolveram. Se elles foram juizes em causa propria, segundo os poderes que o pontifice lhes conferio, os ministros responsaveis da corôa, é que deviam attentar só nas commodidades dos povos e no alcance politico da supressão das diocezes. Era sua obrigação attenderem de preferencia a estes dois assumptos, para não concorrerem directamente para o alargamento da influencia do alto clero, e bem assim para o desenvolvimento da idêa socialista, que apregoa as excellencias do registo civil, em prejuizo dos direitos da egreja catholica. E em quanto a religião christã fôr officialmente proclamada como a do paiz, o governo tinha obrigação de não se prestar a auxiliar tentamens, que são um attaque ás instituições vigentes.

Sobre a conservação do seminario, diznos um diploma official, que tem apenas caracter provisorio. Por emquanto funccionará, até que, acalmada a excitação produzida pela supressão, o extingam tambem, visto que o eminentissimo cardeal executor das letras apostolicas insinuou na sua sentença, que *algumas egrejas cathedraes mal podem satisfazer aos indispensaveis cargos espirituaes da... conservação dos seminarios!* Vae já prevenindo a hypothese da supressão, o que será um mal para os que se dedicam á carreira ecclesiastica, e muito principalmente para o serviço do culto, pois todos sabem, que o seminario d'Aveiro dava um contingente valioso para a milicia sagrada. Que o diga o patriarchado, e ainda os bispados do Alemtejo. E se aqui se fecharem de vez as aulas ecclesiasticas, verão como se reduz tambem o numero de mancebos que se destinam á vida sacerdotal. Dissemos já as rasões que temos para o assoverar. Se a supressão da dioceze foi um erro politico e religioso, a extincção do seminario vil-o-ha agravar; em prejuizo da egreja. Quererão os prelados lusitanos carregar com mais essa responsabilidade?

### POLITICA DISTRICTAL

O JORNAL DO POVO

(19 de setembro)

Suppõe que contestámos o seu libello contra a irresponsabilidade do poder moderador, e offerece a replica.

E' engano. O que nós contestámos foi a responsabilidade da pessoa do rei pelos actos do poder moderador.

Mas hoje é que não podemos dizer mais nada, que não ha espaço.

DISTRICTO DE AVEIRO

(21 de setembro)

Diz que já em 1869 se decretou a extincção das cinco dioceses agora supprimidas. E' peta. No Relatorio que precede o decreto de 12 de novembro de 1869, dizia expressamente o sr. Luciano de Castro: «Não pretende o governo com este decreto, cujas disposições são puramente transitorias, reduzir o numero das dioceses, determinar as que hão de ficar ou ser supprimidas, e assignar limites a cada uma d'ellas.» E effectivamente esse decreto só dizia que, emquanto se não fizesse a nova circumscripção das dioceses, o governo não nomearia prelados senão para as dioceses de Angra, Braga, Funchal, Bragança, Coimbra, Evora, Faro, Porto, Lisboa e Vizeu.

Desculpem-se como poderem, mas não calumniem os outros.

O OLIVEIRENSE

(20 de setembro)

Sob o titulo de *Hygiene publica;* transcreve do *Espectro da Granja* um artigo sobre as vantagens do novo matadouro do gado suino, em Lisboa.

SOBERANIA DO POVO

(21 de setembro)

Entende que a antiga questão da extincção das dioceses não é mais do que uma preoccupação e um falso ponto de vista dos governos, porque nem a religião nem o estado lucra com ella, e quem fica com poderes maiores é o episcopado, com cuja altivez o estado terá agora de se defrontar, e os prejudicados são os povos, acostumados até aqui ás relações faceis e commodas, e com habitos de longos annos adquiridos, e que se vêem agora constrangidos a seguir rumo diverso na acquisição de documentos e despachos que até aqui obtinham prompta e economicamente.

### O PRELADO DE COIMBRA

Publicamos com muito prazer n'outro logar d'esta folha, a allocução, que foi proferida pelo sr. bispo conde na benção das locomotivas do caminho de ferro da Beira Alta. E' um trabalho que muito honra o illustradissimo prelado da egreja conimbricense, já pelo estylo, que é levantado e correcto, já pelas ideias e sentimentos que traduz, e que são a um tempo os mais liberaes e piedosos.

Não estamos infelizmente habituados a ouvir aos prelados portuguezes uma linguagem tão sã e tão verdadeira. A doutrina da allocução concilia perfeitamente os principios mais orthodoxos da egreja catholica com as exigencias mais attendiveis e justas da civilisação. O prelado de Coimbra, traçando-se com o desafogo proprio do seu honradissimo caracter, uma tal linha de conducta, inspira-se não só dos sentimentos do seu coração bom e generoso, mas tambem dos sentimentos que a todo o mundo catholico está dando o espirito liberal e prudente do actual chefe da egreja.

Quando a todo o momento se estão vendo com desgosto dentro e fóra do paiz os continuados conflictos do poder civil com o poder religioso; quando a ignorancia ou a má fé pretende ainda sustentar que o christianismo repelle as ideias da liberdade e da civilisação, consola ao menos ver levantar-se um prelado da nossa egreja a proclamar a doutrina verdadeira, sustentando que as duas instituições, a egreja e o estado, se podem e devem inteiramente conciliar no interesse de ambas, e sem prejuiso dos principios fundamentaes de cada uma, que de nenhum modo se encontram ou hostilisam. A allocução do virtuoso prelado concretisa perfeitamente essa harmonia, que não é só da sua consciencia recta e esclarecida, mas está egualmente na convicção de quasi toda a sociedade portugueza, essencialmente religiosa e catholica.

Infelizmente nenhum prelado satisfaz com tanto desassombro as justas aspirações de nós todos, portuguezes e catholicos, como o venerando chefe da egreja de Coimbra. Honra lhe seja por isso, e a nós todos os que demoramos n'esta margem do Vouga, por que se tivemos a desventura de perder a dioceze aveirense contra todos os dictames da justiça, encontramos ao menos a compensação possivel d'esse desastre nas virtudes excelsas, na illustração e cordura do nosso novo prelado.

Se para tão grande mal póde haver lenitivo, está elle de certo e unicamente nas preclarissimas qualidades do venerando bispo. Se s. ex.ª vê augmentada a sua diocese com mais 47 freguezias, nós podemos assegurar aqui, porque d'isso temos documentos irrefragaveis, que o virtuoso prelado foi sempre contra esse augmento, que, trazendo-lhe novas responsabilidades e trabalhos, não pode compensar-lhe o desgosto profundissimo que lhe causou a desmembração de uma parte, embora diminutissima, do seu antigo bispado.

S. ex.ª, como pastor desvellado e amantissimo, poz sempre o melhor dos seus empenhos e desejos em nada perder do rebanho que lhe estava anteriormente confiado, embora lhe dessem compensações vantajosissimas.

N'esse honrado e justificadissimo intuito se esforçou e trabalhou sempre com a mais rara abnegação e desprendimento. Não foi a sua voz escutada, porque algumas freguezias da Beira, que pertenciam ao bispado de Coimbra, foram d'elle separadas para outro bispado, estendendo-se aquelle pela nova circumscripção, até ao Vouga.

Somos, pois, d'hoje em diante subditos do benemerito prelado, que saberemos acatar e venerar pelas suas virtudes, na certeza tambem de que nunca esta parte do extincto bispado de Aveiro podia encontrar pastor mais desvellado e mais justo.

### REACÇÃO JUSTA

As razões porque o centro progressista de Lisboa se recusa a obedecer á intimação do governo para formular estatutos e submettel-os á approvação da auctoridade administrativa, estão admiravelmente expostas e desenvolvidas no seguinte artigo do *Diario Popular*, cujas ideias perfilhamos, porque são as mais conformes com o espirito da nossa legislação penal, com a natureza do nosso regimen politico, e com a nossa dignidade partidaria.

Accresce que o art. 282 do Cod. Penal, que serve de pretexto á intimação, se acha evidentemente revogado não só pelo decreto de 23 de novembro de 1859, quanto ás reuniões eleitoraes, mas principalmente pelo decreto com força de lei de 15 de junho de 1870, que garante o direito de reunião em toda a sua plenitude, independentemente de licença previa de qualquer auctoridade:

«O sr. Manuel de Jesus Coelho, distincto e honrado membro do partido progressista, tambem foi, como dissemos, intimado para apresentar estatutos á approvação da auctoridade administrativa no praso de 15 dias. Consta-nos que se resolveu não assentir a tal exigencia. Se a intimação é conselho, agradecemos, mas não acceitamos tanta sollicitude. Se é ordem não nos julgamos obrigados a cumpril-a por não haver disposição legal que a auctorise.

O artigo 282 do codigo penal, exigindo a auctorisação previa da auctoridade para as associações de mais de 20 pessoas, existe desde muito, e nunca se applicou aos partidos politicos, que teem a razão da sua existencia nos principios reguladores e nas boas praxes do systema constitucional, constantemente reconhecidas entre nós. Os partidos são associações especiaes, tendo por unicos estatutos os seus programmas politicos, formulados na imprensa e no parlamento; não gosam os direitos civis pertencentes ás associações constituidas nos termos das leis, como o de adquirir e alienar, mas tambem não estão subordinados ás formalidades n'ellas estabelecidas para a sua organisação e existencia. Os partidos nascem com o systema representativo. São como o principio do governo das maiorias parlamentares, que nenhuma lei estabeleceu e que todavia domina todos os poderes do estado. Desde que no parlamento e fóra d'elle ha maioria e minoria, ha partidos. Não os cria nenhuma lei, são uma consequencia infallivel do regimen constitucional. Existem, porque este bem ou mal existe.

Se pretenderem exercer direitos, que a lei só concede ás associações ordinarias, terão então que organisar estatutos e sujeitar-se ás formalidades estabelecidas. Se apenas se reunirem em casas particulares, ou nos escriptorios dos seus jornaes, essas reuniões, limitadas aos correligionarios, são particulares e não publicas. Nada tem com ellas a auctoridade.

Não queremos constituir-nos em associação para os effeitos da lei, e renunciamos ás vantagens e direitos que d'essa constituição poderiam advir-nos. Limitamo-nos a continuar vivendo como partido, sem estatutos, sem quotas obrigatorias, sem penalidades escriptas, e com a organisação toda voluntaria que sempre tivemos. Esta é a interpretação que desde 1852 se tem dado ao codigo penal, que nunca foi applicado aos partidos, e segundo a qual os partidos não dependem para existir da auctorisação do governo.

Se quizermos praticar actos ou exercer direitos, que só possam ser praticados ou exercidos por associações legalmente constituidas, n'esse caso organisaremos estatutos e submettel-os-hemos á approvação da auctoridade. Para este caso é legal a exigencia do governo. Por emquanto, limitando-nos a exercer os direitos que como cidadãos nos pertencem, em perfeita conformidade com as leis, rejeitamos a juris-prudencia, segundo a qual a existencia dos partidos fica dependente do arbitrio dos governo, e das condições que estes quizerem imporlhes.

Isto pelo que toca á questão juridica.

Pelo que toca á questão pratica, a nossa dignidade não consente que nos prestemos a ser instrumentos de guerra contra os partidos, que não reconhecem a actual forma de governo ou a actual dynastia. Ainda não concordando com as idéas d'esses aggrupamentos partidarios, reconhecemos-lhes plenamente o direito de propaganda pacifica e todos os mais que nós gosamos. Se elles abusarem no exercicio d'esses direitos, fiquem sujeitos ás mesmas penas que nos podem applicar a nós. Percebemos as manhas do governo, e não somos instrumento d'ellas.

E além de tudo mais, essas manhas são ineptas. Não se deixando discutir á luz da publicidade, constituir-se-hão associações secretas, mais perigosas que as publicas, não só porque escondem as evoluções e os progressos da sua propaganda, mas ainda porque exercem sobre o povo a fascinação do mysterio, e a attenção do fructo prohibido.

Faça o governo o que quizer. Nós mantemos o nosso posto, que é o dos principios liberaes e o da sã rasão.»

### NOVA CONCESSÃO NA ZAMBEZIA

Depois do syndicato, temos nova e porventura mais escandalosa endromina regeneradora.

A celebre concessão Paiva de Andrada, em consequencia das importantes restricções que lhe impoz o partido progressista, parece definitivamente defuncta. Era portanto indispensavel fazel-a reviver n'outro corpo, e o governo das tratadas não se esqueceu de o fazer.

Já foi assignado o decreto que concede a Carlos Conrrel e Francisco Rigail de Lastour, subditos francezes, até 5:000 hectares de terrenos baldios da bacia hydraulica do rio Zambeze, na provincia de Moçambique, e nas proximidades da confluencia d'aquelle rio e do Chire.

Os concessionarios, antes de entrarem na posse dos terrenos que lhes forem devidamente demarcados nos termos da lei, terão de mostrar-se habilitados para explorar aquella área com um capital disponivel de 260 contos, e deposito previo de 5 por cento d'esta quantia.

O praso para esta habilitação é de um anno.

Os concessionarios fizeram parte da expedição que foi á Zambezia sob a direcção do sr. Paiva d'Andrada.

Aguardemos que se faça luz sobre o assumpto.

### OS REGENERADORES DO PORTO

O insuspeito *Jornal da Manhã* censura os regeneradores do Porto por não terem dado a mais pequena manifestação de lucto pela morte do eminente jornalista Antonio Rodrigues Sampaio. Nem ao menos se fizeram representar por alguem nos seus funeraes!

E accrescenta:

«E' que no Porto, além do partido regenerador estar desorganisado a ponto do centro ter cerrado as suas portas, e dentro em pouco, naturalmente, ter verdido a mobilia, accresce que só ha iniciativa para escandalosas negociatas, gastando-se sommas fabulosas em orgias, dynamite e viajatas ridiculas.

«Antonio Rodrigues Sampaio morreu. Logo, já não podem contar com a sua influencia para a realisação de qualquer syndicato presente ou futuro.»

Esta gente é assim. Só os une o amor da ganancia, e só apparecem onde houver que ganhar; para a realisação de qualquer ideia grande e generosa, para o cumprimento do mais indeclinavel dever, ninguem os encontra.

### TRAPALHADA POSTAL DA PAMPILHOSA

O serviço telegrapho-postal, a que estão confiados os mais importantes e vitaes interesses sociaes, a honra e o futuro de milhares de familias, é entre nós o que maiores e mais bem fundadas suspeitas provoca.

Dizem-nos das margens do Mondego, que a reforma deploravel, desviando o trajecto das malas do seu caminho directo, entre Coimbra e Figueira, para andarem ás bolandas, sendo obrigadas a seguirem das estações intermediarias para o incrivel e inexplicavel pagode postal da Pampilhosa, serve, quando muito, para mostrar a pouca ou nenhuma conta, em que são tidos os interesses de povoações agricolas e commerciaes — como Tentugal, Carapinheira, Montemór o Velho, Sant'Anna, Maiorca e Alhadas.

Como se não fôra bastante a zombaria pungente da demora de mais de 24 horas na troca de correspondencias entre povoações distantes desde 3 a 10 kilometros, collocadas por um serviço detestavel e retrogrado nos confins do paiz, ainda em cima teem e ludibrio depravado d'uns patuscos empregados, que retardam e demoram as correspondencias, que *fiscalisam* jornaes, que abrem os massos com destinos certos, baralhando tudo, e fazendo regressar os jornaes aos sitios d'onde foram expedidos.

Sabemos que é assim feito alli o serviço, e que, no mez d'agosto, foram parar a Maiorca as correspondencias, que deviam ter seguido para Montemór, Carapinheira e Tentugal, indo devolvidas outra vez para a Pampilhosa, sendo assim retardadas por mais 24 horas, se alguma *pirraça* postal não as fizesse ainda tomar outro rumo.

Para fazer tal serviço, escusam-se empregados postaes. De duas uma; ou elles sabem ler e cumprir religiosamente os seus deveres ou não; se não sabem ler, não os admittam; se sabem e não servem o publico como devem, ponham-nos no meio da rua.

Isto assim é que não póde continuar; nem no serviço postal se podem admittir *syndicatos* de nenhuma especie.

Consta-nos tambem que no dia 13 chegaram a Maiorca trez numeros seguidos de jornaes, retidos na Pampilhosa, como se via das marcas do correio, isto para duas pessoas d'aquelle sitio, e devolvidos outros que foram expedidos pela propria estação postal para a Figueira com destino ao assignante que lá se acha a banhos.

Ora, nada d'isto aconteceria, se a *curiosidade* poupasse os massos lacrados e atados, cujo destino ia n'elles inscripto.

A outro assignante lá lhe *bifaram* o n.º 1:678 do *Progresso*.

Como é inutil pedir providencias contra o contagio postal, porque ninguem as dá, antes parece haver o firme proposito de desattender os queixumes das victimas do serviço publico mais deploravel do paiz, pedimos então a quem compete que gratifique largamente a ambulancia postal da Pampilhosa nos dias 10, 11 e 12 do corrente.

A final, parece-nos que os povos da margem direita do Mondego se verão forçados a subsidiar um estafeta, se não quizerem continuar a soffrer os atrasos e a pouca segurança no que expedem, ou esperam receber pelo perturbado serviço postal, cada vez mais ruim, mais detestavel, entre Coimbra e Figueira da Foz.

### AGRADECIMENTO

Manuel José Mendes Leite pede aos seus amigos, que, accedendo ao seu convite, se dignaram assistir á missa resada para suffragar a alma do seu presado amigo Antonio Rodrigues Sampaio, que acceitem os seus muito sinceros agradecimentos.

### PROTESTO

Foi supprimido o bispado de Aveiro. Já se esperava, porque da iniciativa do actual governo nada de beneficio para o povo póde vir.

Que transtornos, despezas e incommodos não causará tal suppressão?! Isto é revoltante, e provoca a maior indignação. O povo só é lembrado para se lhe pedir impostos sobre impostos, possa ou não pagal-os. Não se procura saber se os contribuintes podem accudir a todas as *necessidades* do thesouro: paguem, que assim é preciso. Mas os justos e legitimos pedidos que se fazem para a conservação do que interessa ás conveniencias publicas, são indigna e reprehensivelmente despresados.

As regalias do povo são calcadas aos pés, mas em compensação temos salamancadas e quejandas *felicidades*.

E' triste que um governo não cure de saber se uma medida, seja ella qual for, que pretende realisar, é ou não de utilidade para os governados!

Fazem-se contractos ruinosos e humilhantes para o paiz, a despeito dos mais justos e energicos protestos, levantados no parlamento e em numerosos e imponentes comicios; affronta-se a dignidade nacional com inaudito arrojo, parecendo haver proposito em provocar o descontentamento popular.

Se sempre houvesse o intuito de alliar os actos governativos com a justiça, não se dava causa a desgostos e irritações, que ás vezes fazem sair o povo da legalidade. E' que o desespero não é bom conselheiro, e conduz os descontentes a procederem segundo as suas paixões, a que não podem ser superiores.

A indignação é grande, e lamentamos profundamente que haja motivo para isso. Mas... depois da salamancada a suppressão das diocezes.

*Um contribuinte.*

### EXAMES DE INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

O governo, diz o nosso illustrado collega do *Correio da Noite*, permittiu ha dias, por um decreto, referendado pelo sr. ministro do reino, ouvido o conselho de ministros, a repetição em outubro dos exames de instrucção secundaria aos alumnos, que tivessem sido reprovados em duas disciplinas.

Ha um anno requereram ao ministerio do reino differentes interessados, que fosse permittido repetirem o exame em outubro aos alumnos, estranhos aos lyceus, que tivessem sido reprovados n'uma só disciplina, a exemplo do que legalmente era concedido aos alumnos dos lyceus.

Para attender esta pretensão bastava alterar uma disposição do regulamento, porque na lei não havia preceito, que contrariasse esse pedido. Respondeu aos requerentes o sr. Sampaio, então ministro do reino, com um despacho, em que terminantemente declarava, que tal pretensão não podia ser attendida por se lhe oppor a disposição dos artigos 32.º e 44.º da lei de 14 de junho de 1880, que só permittiam uma época de exames, e só admittiam a repetição de exame aos alumnos dos lyceus, quando houvessem sido reprovados n'uma disciplina.

O sr. Thomaz Ribeiro apresentou ás côrtes, na ultima sessão, uma proposta de lei, em que mantém as disposições da lei de 1880 sobre este assumpto, e agora, depois da viagem regia ás provincias, sae-se com um decreto, em que de uma assentada permitte não só a repetição do exame de uma disciplina, mas o de duas!

Que salto!

Ora este decreto é manifestamente illegal. O art. 44.º da lei de 14 de junho de 1880, diz:

«Em cada anno electivo haverá uma só época de exames.»

E acrescenta no § unico:

«Aos alumnos, a que se refere o artigo 32.º, será permittida a repetição em outubro do exame da disciplina em que ficaram reprovados na época ordinaria.»

O artigo 32.º diz:

«O governo estabelecerá no regulamento a fórma e processo dos exames de passagem e de saída, de fórma que o exame verse sobre as materias do anno ou annos do curso, e a votação recaia sobre cada uma das disciplinas, *podendo o alumno reprovado n'uma, repetir o exame d'essa disciplina em outubro proximo.*»

Esta disposição refere-se aos alumnos dos lyceus.

Dos textos transcriptos resulta:

1.º Que a lei só permitte uma época de exames em cada anno lectivo:

2.º Que só por excepção permittiu a repetição do exame em outubro aos alumnos dos lyceus, quando tivessem sido reprovados *n'uma só disciplina*.

O sr. Thomaz Ribeiro permittiu a repetição de exame em outubro aos alumnos dos lyceus, e aos estranhos que tivessem sido reprovados em duas disciplinas!

O sr. Sampaio declarou contraria á lei a pretensão de ampliar aos alumnos estranhos aos lyceus a faculdade de repetirem o exame em outubro, quando tivessem sido reprovados n'uma só disciplina. O sr. Thomaz Ribeiro julga-se auctorisado para permittir a repetição de dois exames em outubro, não só aos alumnos dos lyceus, mas aos estranhos!

Não ha mais clara violação da lei.

Mas ha mais. Esteve o parlamento aberto mais de 6 mezes. Apresentou-lhe s. ex.ª uma reforma da instrucção secundaria e ahi manteve a disposição da lei anterior para não haver mais do que uma época de exames. O parecer da commissão respectiva sanccionou a doutrina da proposta ministerial. Houve até na camara electiva quem nos ultimos dias de sessão apresentasse a s. ex.ª, como providencia urgente e transitoria, um projecto de lei para ser logo votado, em que se propunha, que houvesse duas épocas de exames em cada anno, revogando-se n'esta parte a lei de 1880. O sr. ministro não concordou, e o projecto não teve seguimento. Encerra-se a sessão, vae o rei viajar ás provincias, alguns estudantes reclamam ao soberano a permissão de nova época de exames, e todos os escrupulos de legalidade desapparecem, e publica-se o decreto auctorisando os exames em outubro!

E' um acto dictatorial? Não, porque nem é assignado por todo ministerio, como seria necessario, nem se invocam circumstancias extraordinarias, que reclamassem a revogação, por acto do poder executivo, da lei de 1880.

E' apenas um acto illegal, que não tem desculpa, depois de seis mezes de sessão parlamentar, em que este assumpto podia e devia ter sido convenientemente discutido e resolvido.

### REFORMAS

Continuamos a transcrever no *Jornal do Porto* os excellentes artigos, que com a epigrafe acima tem publicado sobre a nossa organisação politica:

VI

No primeiro artigo d'esta serie dissemos que consideravamos as reformas uma das necessidades mais urgentes do actual momento politico, menos pela politica propriamente dita, do que pela administração publica, que está ou desamparada e ao abandono, ou desordenada e cahotica. E por isso não pedimos reformas por amor da arte, dezejando que se façam as que podem realisar as mais elevadas concepções dos espiritos liberaes, mas simplesmente as que são indispensaveis para garantir ao paiz um governo honesto e trabalhador, cuja existencia não esteja sempre ameaçada da intervenção de influencias facciosas e nocivas, mas se possa firmar em alicerces de bom quilate, quaes são os que assentam na confiança da nação manifestada pelos meios legaes.

Pelo que não demoramos agora a nossa attenção sobre a organisação do poder do estado a que a nossa Carta Constitucional chama poder moderador, apesar de não ser conhecido, como dissemos, em nenhuma constituição politica da Europa, sendo-o aliás na do Brazil, que é irmã, e porventura consanguinea, da nossa. Não vale fazer questões de nomes, e só é importante attender ás attribuições que por esse nome se designam e á influencia que ellas teem ou podem ter na governação do estado.

Entendemos que todo o capitulo que se refere ao poder moderador precisa de ser revisto, não só no interesse da politica geral do paiz, mas no interesse do proprio magistrado que exerce esse alto poder do estado, que é, realmente, como diz a Carta, a «chave de toda a organisação politica.» N'esse capitulo se estabelece a celebre prerogativa da irresponsabilidade do rei, a qual, se é perfeitamente conforme com os principios absolutos do direito constitucional nas monarchias hereditarias é tambem metaphysica de mais, ou radicalmente illogica na organisação actual do poder moderador entre nós.

Comprehende-se a irresponsabilidade do rei quando os ministros são sempre responsaveis, mas não se comprehende quando o rei tem actos privativos, que póde praticar ou deixar de praticar sem a menor intervenção de qualquer pessoa que assuma d'elles a responsabilidade. O rei póde deixar de ser responsavel, mas a responsabilidade existe sempre, e é mister que na lei fundamental do estado se declare, muito positivamente, sobre quem recahe e a quem póde ser exigida. A responsabilidade por qualquer acção está vinculada á liberdade com que o agente a pratica, assim como a liberdade inclue a ideia de intelligencia e deliberação na pratica de qualquer acto. Não se comprehende liberdade sem responsabilidade, e por isso não se comprehendem competencias privativas sem responsabilidades privativas. Aliás não era o exercicio de um direito constitucional n'uma nação livre, mas era pura e simplesmente o exercicio do antigo poder absoluto dos reis, para os quaes a sua vontade era a suprema rasão e a suprema lei do estado: *Stat pro ratione voluntas: voluntas imperantis suprema lex.*

Ora nem a nação portugueza quer ser governada pelo absolutismo, nem a irresponsabilidade do rei deixa de ser um principio essencial na forma de governo monarchico representativo.

E', por isso, necessario conservar a irresponsabilidade do rei mas não é menos necessario determinar na constituição do estado a quem cabe a responsabilidade pelos actos do poder moderador. Nem pedimos novidade nenhuma, que não seja cousa velha e conhecida no direito publico constitucional.

E não menos necessario entendemos que seja regular, por modo diverso do que está, a intervenção do poder moderador na organisação e existencia dos outros poderes do estado, e nomeadamente nas do poder legislativo.

No systema da carta, o rei não só é parte integrante do poder legislativo, visto que nenhuma lei é lei sem a sancção do poder moderador, mas a sua intervenção é directa sobre as duas camaras parlamentares, n'uma porque a modifica e recompõe quando e como lhe apraz, e n'outra porque tem sobre ella o direito de vida e morte, podendo dissolvel-a «nos casos em que o exigir o bem do estado», casos que em parte nenhuma estão definidos, e de que só o rei é juiz.

E antes de passar adiante, vem aqui a proposito dizer que somos dos que opinam pela existencia de duas camaras legislativas tendo para isso razões que não expomos, porque nos parece que todos em Portugal, e na actual conjunctura, estão de accordo n'esse ponto de organisação politica.

Mas tambem nos parece que existe o mesmo accordo em que nenhuma das camaras póde continuar a existir nas condições em que se acham, porque nenhuma d'ellas em separado nem ambas reunidas representam o que devem representar, que é a opinião politica do povo portuguez.

Aqui as reformas precisam de ser profundas e sérias, porque é indispensavel restituir ao poder legislativo, base da liberdade politica, o prestigio e respeito que lhe é devido, o do qual deriva a obediencia á auctoridade constituida em virtude da lei, e mantendo com ella, e por ella, a boa ordem social. E' necessario que todos comprehendam, governantes e governados, que, se *ninguem, póde ser obrigado a fazer ou deixar de fazer qualquer cousa senão em virtude da lei*, tambem ninguem póde ser dispensado de fazer o que a lei ordena, e a ninguem póde ser permittido fazer o que a lei prohibe.

A obediencia á lei é a primeira necessidade de um povo livre, e é por isso tambem necessario que haja quanta segurança póde haver de que a lei é a expressão da vontade de todos para garantir a todos os seus direitos e os seus interesses.

E basta esta consideração para convencer da necessidade de reformar o parlamento portuguez, do qual nos occuparemos no artigo ou artigos seguintes.

### REVISTA ESTRANGEIRA

Terminada no Egypto a lucta armada, e em quanto não succede a diplomatica, que ha-de produzir provavelmente o arranjo final da pendencia suscitada n'aquellas paragens, vamos colhendo e encorporando os promenores mais palpitantes do que se passou nos dois acampamentos, depois que o general Wolseley se poz em movimento.

Na noute de 14 occuparam os inglezes Brenba, ficando senhores da rede completa da linha ferrea, e no dia 15 o general Wolseley enviou d'aquelle ponto o seguinte telegramma:

«Acabo de chegar aqui. O general Lowe occupou hontem o Cairo. Arabi e Tulba renderam-se sem condições. As tropas arabistas, em numero de 10:000 homens, depozeram as armas. O prefeito de policia encarrega-se de manter a ordem. Marcho em seguida para o Cairo.»

Os delegados do Cairo, Ali-Rubi, Reuf e Butros chegaram no dia 14 a Alexandria e apresentaram ao khediva, em nome dos habitantes do Cairo, uma mensagem de submissão e fidelidade, sendo-lhe essa mensagem confiada em uma reunião celebrada no Cairo, a que assistiram os altos funccionarios, os notaveis e varios ulemas, alguns partidarios acerrimos de Arabi. O delegado Butros disse ao khediva que em Kafr-el-Dowar havia 5:000 homens, mas que tendo Tulba-Pachá partido de manhã para o Cairo, as tropas haviam resolvido entregar-se sem condições; disse mais que, por recommendação sua, o official que commandava o acampamento na ausencia de Tulba, fizera destruir o dique que interceptava o canal do Mahmudich; que depois do combate de Tell-el-Kibir, se recebera no Cairo a noticia de uma grande victoria obtida pelos egypcios; que quando se soube que Arabi voltava ao Cairo correra o boato, de que levaria a cabeça do almirante Seymour, que o povo não conhecia o nome do general Wolseley, suppondo que o almirante continuava a ser o commandante em chefe das forças inglezas; e que quando se soube a derrota a populaça insultára e apedrejára Arabi.

O *Daily Telegraph* disse em telegramma que o general Wolseley commandára pessoalmente e seguira as peripécias do combate, no meio de um fogo vivissimo; que o seu estado-maior se portára valorosamente, e que sua alteza o duque de Connaught dera provas de grande serenidade, conduzindo os seus soldados ao fogo e dando-lhes exemplos de valor.

A rainha Victoria expedira o seguinte telegramma de Balmoral, onde se acha: «A rainha Victoria recebeu com prazer a noticia da grande victoria que as suas tropas alcançaram em Tell-el-Kibir, e bem assim a especial menção que o general sir Garnet Wolseley fez de S. A. o duque de Connaught, pelo modo admiravel como S. A. levou a sua brigada ao ataque.

O lord corregedor de Londres felicitou tambem Wolseley. Em Gibraltar cantou-se um *Te-Deum* na cathedral catholica. Em Ottawa e outras cidades do Canadá a victoria foi recebida com grande enthusiasmo.

As folhas berlinezas são concordes em affirmar, que a victoria de Tell-el Kibir honra superiormente o exercito britannico e a habilidade do seu chefe; consideram a victoria como decisiva, e perguntam o que se seguirá, se a Inglaterra, como aconselham os periodicos londrinos, quererá agora regularisar sósinha a questão egypcia, sem se importar com o sultão, nem com o concerto europeu.

A *Gazeta Nacional* crê que o concerto europeu não tolerará isso, não consentirá tão pouco uma acção isolada, e diz ter recebido de boa origem informações, de que a Inglaterra está em intelligencia com a Russia, se uma se installar no Egypto, a outra installar-se-ha na America, pois é certo que a Russia impulsiona activamente os seus armamentos militares na Bessarabia e além do Caucaso.

Estas e outras revelações provam-nos pois, que, se foi facil á Inglaterra vencer os egypcios, a ponto de dispensar-se de mandar mais recursos de gente para o theatro da guerra, determinando-se pelo contrario a fazer recolher a quarteis a maior parte das tropas expedicionarias, ser-lhe-ha difficil agora fazer a paz. Bem comprehende a situação o gabinete britanico, o que se deprehende da revelação que fez o *Times*, de que os diplomatas inglezes acreditados juncto dos differentes gabinetes europeus foram pelo seu governo encarregados de certificar ás potencias, que a grã Bretanha não nutre a ideia de annexar a si o Egypto, nem sequer pensa em similhante coisa. Veremos.

Apreciando os triumfos da Inglaterra nas regiões orientaes o *Post*, jornal allemão, publicou um artigo, que termina assim:

«A impotencia e a fazão do velho mundo oriental abre ao genio europeu um novo campo d'acção. Em presença d'esta conquista inevitavel do Oriente pela civilisação occidental, perguntamos quaes serão as consequencias, para nós os allemães, se o nosso paiz não tomar a parte que lhe compete. Esta questão parece-nos muito mais importante, do que os nossos projectos de colonisação.»

Entende-se. A Inglaterra assenhoreou-se do Egypto; ou exercerá sobre elle a sua soberania, e as outras grandes potencias estender-se-hão tambem sobre as regiões orientaes e dividirão a preza que mantem o sultão, cuja impotencia se manifesta de dia para dia; não será pois para admirar, que em breves dias, o imperio da meia lua tenha de ser distribuido pela Russia, Allemanha e Austria, como em tempo fôra a Polonia, desapparecendo do mundo a entidade sultão e a religião do propheta. Em quanto este grandiozo assumpto se tracta nos altos gabinetes das potencias, passamos a fazer menção do que encontramos nos jornaes de mais pipitante.

A situação na Russia continúa carregada e aterradôra. O nihilismo renasce, como a hydra e não cede nem aos golpes nem aos anathemas os mais severos. Agora espreita a ocazião de se verificar a coroação do czar, para attentar de novo contra os seus dias. [illegible] mando assim na franqueza com que revela as suas intenções. O czar partiu para Moscow no dia 19; suppoz-se que iria para alli para verificar aquelle acto; mas guarda-se segredo acerca do dia em que deve ter logar. Para a passagem do soberano foi necessario estender em toda a linha ferrea d'esde S. Petersburgo a Moscow um exercito de 30:000 homens de confiança. A que estado chegou na Russia a situação politica.

Está o grande paiz dos autocratas minado por um tremendo volcão revolucionario! cujas chammas não tem podido apagar as mais violentas e activas providencias.

Em França accentua-se cada vez mais o desprestigio perante a Europa do governo, que preside aos destinos d'aquella grande nação, mas que se sente humilhada ainda d'esde a quêda de Sedan. Sem representação no interior e no exterior, o governo republicano francez atravessa uma crise, que por certo não poderá vencer por muito tempo, e tanto menos depois do desaire que soffreu na questão do Egypto e que veio accumular-se a outros, que hão-de levar o desengano aos primeiros homens da patria de S. Luiz, para que abracem a solução, que possa fazer resurgir o seu paiz do abatimento em que jaz e da indifferença que inspira aos governos das grandes potencias.

Em acto immediato recebeu o general Wood a submissão de todos os officiaes egypcios que encontrou n'aquelle ponto, promettendo-lhes empregar os seus bons serviços junto do khediva, a seu favor, com a condição de que elles haviam de ajudar os inglezes na reparação do caminho de ferro; esta proposta foi immediatamente acceite.

Falla-se de uma scena edificante representada no proprio palacio do khediva, quando chegou a noticia da captura de Arabi. O facto que vamos citar é referido por um correspondente do *Times*, que se encontrava na ante-camara do palacio e que declara ter sido por elle presenciado. Ha dois mezes que um dos deputados mais notaveis da assembléa do Cairo proclamava altamente, que Arabi-pachá era o salvador do Egypto e que a elle se deveria a liberdade e independencia do paiz.

Achava-se este mesmo homem no palacio ao dar-se a noticia, e não occultou n'esse momento o desejo que tinha de ver enforcar o chefe dos insurgentes! A noticia foi acolhida na sala com gritos de prazer da parte de todos aquelles que estavam presentes.

Levada a nova ao khediva, todos quizeram unanimemente dar-lhe os seus parabens e as reclamações chegaram então a um ponto verdadeiramente excepcional. Mas o khediva, que parece não se illudir com o temperamento e genio da população do seu paiz respondeu ao correspondente inglez, quando o felicitava pela lealdade do povo:—«Sim, é verdade, mas teriam applaudido com egual enthusiasmo, se ha dois mezes eu mesmo tivesse sido preso pelo agitador!»

O Egypto está inteiramente submettido á auctoridade do khediva, se por ventura não é exclusivamente ás forças inglezas. Só resiste Damietta, onde se conserva Abdalla, á frente de cinco mil homens de tropas negras.

Os officiaes do exercito egypcio, assim como Arabi-pachá, e os demais chefes e principaes fautores do movimento revolucionario, vão ser julgados em Alexandria por um tribunal especial; accusados de alta traição para com o seu soberano, deverão ser-lhes applicadas as disposições do codigo militar.

O khediva offereceu ao duque de Connaught, filho da rainha Victoria, um palacio da sua residencia particular. Este principe manifestou desejos de ficar no Egypto, emquanto se conservarem n'aquelle paiz as tropas da guarda real, que elle commanda. O general Wolseley estabeleceu-se no Cairo, no palacio do Abdin, a pedido do khediva.

Seguem-se os telegrammas:

Alexandria, 19.—Abdallal, governador de Damietta, declarou que não se submette á autoridade ingleza e espera as ordens do khediva.

Diz o *Times* que os representantes na Inglaterra de diversas côrtes da Europa informaram os respectivos gabinetes de que toda a Grã-Bretanha rejeita a ideia da annexação do Egipto, o que o governo inglez nem sequer pensa em similhante coisa.

S. Petersburgo.—O imperador de todas as Russias foi hoje para Moscow. Suppõe-se que vai ali por causa da ceremonia da coroação.

Guarda-se cuidadoso segredo ácerca do dia, em que se hade realisar esta solemnidade.

Foi suspenso o serviço telegrafico da linha ferrea.

O caminho de ferro de S. Petersburgo a Moscow está guardado por 30:000 homens de tropas de confiança.

Madrid, 20.—Dizem telegrammas da Granja para a Agencia Fabra que os Paizes Baixos e a Hespanha estão negociando a prorogação do tratado de commercio, que expira no dia 15 de outubro proximo futuro.

Duvida-se do resultado d'essas negociações por causa das difficuldades que se lhes oppoem.

Londres, 20.—Diz um telegramma de Alexandria para o *Daily News* que houve hontem desordens em Domanhum, ficando 3 europeus gravemente feridos.

O general Wood enviou logo para aquelle ponto um regimento do exercito inglez, que ali se conservará o tempo bastante para assegurar o respeito pela autoridade do khediva.

S. Petersburgo, 20.—O czar teve recepção enthusiastica em Moscow.

Deve celebrar-se dentro de poucos dias a ceremonia da coroação.

Alexandria, 20.—Corre o boato de que os soldados da guarnição de Damietta fuzilaram o governador, que recusava render-se.

Foi addiada a partida do khediva para o Cairo.

Em Damanhum foram assassinados tres christãos.

Rebentaram desordens em Katan e em Benha, mas não é verdade que tenha havido motins no Cairo.

Os assassinos de Alexandria serão julgados por um tribunal especial, que já está nomeado.

Madrid, 21.—A correspondencia diplomatica trocada entre Morier e o marquez de la Veja de Armijo a respeito das negociações do tratado de commercio diz que a Inglaterra julga inopportuno continuar essas negociações, depois da recusa da Hespanha em acceitar as propostas inglezas, e acrescenta que não modificará o *statu-quo* de Gibraltar, do que a Hespanha tanto se queixa.

## ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

Vamos transcrever do *Progresso* os mais brilhantes e eloquentes periodos que a morte de Sampaio inspirou:

«Cerrou-se já o tumulo, que é abrigo dos restos mortaes de Antonio Rodrigues Sampaio. Os doridos lamentos, produzidos pela sua morte nos arraiaes de todos os partidos, vão esbater-se contra aquella pedra fria, como echos plangentes de mais em mais amortecidos pela distancia, e apagados no fragor das lides quotidianas!

Elle era um roble gigante. A magestade d'esses colossos das florestas impõe-se ao respeito de todos; as proprias rugosidades e asperezas do seu tronco encantam; a vastidão das suas frondes dá sombra, que protege a terra, e pelas nuvens, que attrahe, e que sorve, communica-se com o céu; tem ramos carcomidos, pôdres, e essa mesma podridão é uma grandeza; os que passam, tacam-lhe com laminas afiadas o cortex, e só conseguem entalhar n'elle algumas arranhaduras; a propria tempestade não o abala na sua immobilidade serena. Ella ruge desvairada e elle apenas rumoreja na ramaria! Mas, de repente, o gigante estremece, inclina-se, tomba, e despedaça-se. Na floresta faz-se uma enorme clareira; a mão pressurosa do povoador da montanha planta n'ella duzias de arvores novas. E passam se annos e annos, e, todas juntas, não chegam a encher o espaço, que uma só enchia. Ha sempre um vasio a attestar a passagem e a grandeza colossal do gigante morto. Assim caiu Antonio Rodrigues Sampaio! A clareira ali está aberta; e todos juntos, nós, os jornalistas da geração nova, seremos pequeno vulto para tão largo espaço.

Elle dorme o somno eterno, e a nós cumpre proseguir nas luctas da vida, a que estamos presos. A pedra sepulchral está já soldada. O morto fica na sua guarida, e os vivos voltam aos seus respectivos campos. As armas, que se inclinaram para o solo em funebre saudação, aprestam-se de novo para o combate. A tregoa da dôr commum está finda. Sôem de novo os clarins no seu canto de guerra, e desfraldem-se a todo o vento as bandeiras, que um veu de lucto opprimia!»

Do *Correio da Noite* transcrevemos as seguintes informações a respeito de uma carta de Antonio Rodrigues Sampaio, que só de raras pessoas era conhecida, e que deve ter a data de 12 ou 13 de maio de 1866:

«Prestando homenagem aos dotes do jornalista, e ás eminentes qualidades de caracter que ornavam Antonio Rodrigues Sampaio, publicamos um documento que raras pessoas conhecem, e que constitue, na sua eloquente singeleza, uma prova da sua abnegação partidaria e da rigidez do seu caracter pessoal.

Era em 1866. Governava um ministerio fusionista. Dera-se crise e tratava-se da recomposição ministerial. Joaquim Antonio de Aguiar indicara ao chefe do estado o nome do redactor do *Espectro* e da *Revolução de Setembro* para entrar no gabinete. El-rei não acceitara gostoso a indicação e Aguiar fizera saber isto a Sampaio, que lhe endereçou a seguinte carta:

«Meu caro sr. Aguiar.—Disseram-me que v. ex.ª indicara a el-rei o meu nome para ministro, o que sua magestade não acceitara com agrado aquella indicação.

Creio que v. ex.ª fez uma indicação constitucional, e que o sr. D. Luiz usou franca e nobremente da prerogativa que lhe concede a carta.

A confiança do rei nos seus ministros deve ser sincera e illimitada, e é muito melhor recusar-lhes a nomeação, do que desconfiar da sua lealdade, depois de os haver nomeado.

Permitta-me agora v. ex.ª que eu manifeste o meu sentimento por não me ter consultado antes de me fazer aquella honra. Ter-lhe-ia talvez poupado o desgosto da recusa de sua magestade, porque teria pedido a v. ex.ª que me dispensasse de um cargo para o qual me não considero egual, e que sómente acceitaria obrigado pelos meus amigos, se merecesse além d'isso a confiança do soberano.

Sou tambem muito franco, para declarar a v. ex.ª que folguei com a indicação do meu nome. No silencio que se tinha guardado para commigo, suspeitava-se que os correligionarios a cujo lado tenho combatido, me julgavam inhabilitado para ser ministro, por ter ferido muitos dos contrarios. Magoava-me a lembrança de que eu era arredado do governo, por ter estado continuamente na brecha, por ter combatido, quando os outros descançavam ou affrouxavam, por ter conservado sempre accesso o fogo de Vesta, e, o que ainda é mais pungente, o ser condemnado e proscripto, agora, por ter sido severo, quando no meio da lucta, era ás vezes arguido de ter demasiadas considerações e muitas condescendencias para com os adversarios. Aviltava-se na minha pessoa a dignidade da imprensa, v. ex.ª alliviou-me d'este pezar, porque eu cheguei a acreditar nas suspeitas.

Agradeço-lh'o, menos por mim do que pela imprensa, e pela gloria de v. ex.ª

Agora uma graça que vou pedir, e é a de eliminar o meu nome de toda a combinação ministerial, e a de não continuar a contrariar a vontade de el-rei a meu respeito, que felizmente se conforma n'este ponto com a minha.

A patria não perde nada, e eu lucro V. ex.ª matava-me politicamente fazendo-me ministro. Sua magestade salvou-me fazendo crer a todos que eu era capaz de o ser.

Conte v. ex.ª sempre com a minha sincera amisade e desinteressada dedicação, e mande o

De v. ex.ª<br>Amigo e m.º obrig.º<br>*A. R. Sampaio.*

S|C maio de 1866.»

Esta carta é um padrão de gloria para o valente campeão da *Maria da Fonte*. Bastaria ella para avaliar quanto as suas responsabilidades politicas desmentem muitas vezes as suas intenções. Publicando-a, não visamos a ferir quem quer que seja, porque é tão explicavel a lembrança de Joaquim Antonio de Aguiar, como as hesitações de el-rei, como o grito de resentimento, que as circumstancias arrancavam á alma do notavel jornalista.

## ALLOCUÇÃO

PROFERIDA PELO BISPO DE COIMBRA NA BENÇÃO DAS LOCOMOTIVAS DO CAMINHO DE FERRO DA BEIRA ALTA, NO DIA 4 DE AGOSTO DE 1882.

SENHOR.

Ao mais humilde dos Bispos Portuguezes cabe hoje esta honra distinctissima de, na presença de Vossa Magestade e em nome da Religião, benzer estas machinas e este caminho de ferro, que Vossa Magestade Se Digna de vir inaugurar e percorrer com Sua Magestade a Rainha, e com Suas Altezas, o Principe Real e Senhor Dom Carlos, e o Serenissimo Senhor Infante Dom Affonso.

E se nós, como ministro de Jesus Christo e pastor ainda que indigno da Sancta Egreja de Coimbra, muito exultamos no Senhor com esta intervenção da Divindade nas obras humanas, e com este preito publico e solemne de religião, de piedade e de fé, tão reclamado e applaudido pelo sentimento nacional e pelas tradições religiosas d'esta Nação Fidelissima; como cidadão portuguez, que tambem somos, transborda-nos o coração de alegria, de contentamento e de enthusiasmo com estas prosperidades e grandezas da Patria.

Permitti-nos pois, Senhor, que nós, dando infinitas graças a Deus, como é de justiça, e do nosso dever e do dever de todos, por este grande melhoramento de que tantos beneficios vão provir para a nossa Diocese e para o Paiz, saudemos e feliciteinos muito respeitosamente a Vossa Magestade; porque sobre tantos padrões de gloria que tornam assignalado já o reino de Vossa Magestade, sempre tão visivelmente protegido pela Providencia Divina, ergue-se hoje mais este, que, attestando a sollicitude e desvelo do Rei pelo seu povo, e o respeito, obediencia e amor do povo ao seu Rei, ensina ainda a todos quantos triumphos para a civilisação e quantos beneficios para a humanidade pode conquistar a reciprocidade d'estes sentimentos á sombra da paz; e como a Corôa d'uma pequena Monarchia se avantaja á das grandes quando n'ella fulgem estes brilhantes florões, que são o ornato mais precioso de Vossa Magestade.

Saudamos e felicitamos Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Maria Pia de Saboya; porque, portugueza hoje mais pelo coração do que pelo dever da lei, são suas como de ninguem as festas e alegrias d'este povo, que acata e admira na Sua Augusta Soberania o exemplo da mulher forte, e o modelo da caridade christã, que lhe levanta em cada peito portuguez um throno de puros e estremecidos affectos, bem mais invejavel que o da propria Realeza.

Saudamos e felicitamos Suas Altezas, o Principe Real o Senhor Dom Carlos e o Serenissimo Senhor Infante Dom Affonso; porque, penhores mimosos e esperanças risonhas e seguras da Patria, está-lhes reservada no futuro a fortuna e a gloria de ceifarem os louros e colherem os fructos de tantos cuidados e desvelos de Seus Augustos Paes, e de tantos trabalhos e vigilias dos homens publicos d'esta geração para transmittirem aos seus vindouros, tão augmentada e enriquecida, a herança que receberam dos seus maiores.

Saudamos e felicitamos os Ministros de Vossa Magestade e os seus Antecessores; porque a festa que hoje celebramos é a consagração solemne dos talentos, do patriotismo e das virtudes civicas de todos, e o começo da justiça feita pelos povos e pela historia á perseverança e abnegação com que uns e outros, e tanto d'este partido como d'aquelle, se sacrificam ás invejas, ás calumnias, ás paixões politicas e aos desgostos para pugnarem, atravez de tudo, pelos interesses do Paiz, pelo bem do Estado e pela honra e decoro da Corôa Portugueza

Saudamos e felicitamos a illustre Companhia do caminho de ferro da Beira Alta; porque á custa de grande trabalho, de grande talento e actividade conseguiu em pouco tempo abater os montes, levantar os valles, perfurar as montanhas e atravessar os rios para dar passagem prompta e rapida ao commercio e á industria dos dois povos da Peninsula; e para, por este lado tambem do Paiz, nos estreitar com os nossos vizinhos em doce e fraternal abraço, sem quebra nem prejuizo da nossa nacionalidade, que, á custa de tudo, saberemos manter sempre livre e independente.

E permitti-nos ainda, Senhor, que saudemos e felicitemos tambem esta formosissima Villa e seus laboriosos habitantes pela honra da visita que recebem de Vossa Magestade, e pela fortuna que tem de verem realisado e posto já em movimento este instrumento maravilhoso da sua prosperidade e do seu engrandecimento no futuro; e que finalmente saudemos e felicitemos do mesmo modo estas dignissimas Auctoridades, este nosso veneravel Clero, estes respeitaveis hospedes e Cavalheiros, e esta grande multidão de povo, na maior parte, nossos Amados Filhos em Jesus Christo e subditos respeitosos e obedientes de Vossa Magestade, pelo alvoroço e alegria que sentem com a presença do seu Rei, e com os gosos e beneficios que promette ás suas terras, desde a foz do Mondego até aos mais altos pincaros da Beira, este feliz advento dos prodigios e maravilhas que ennobrecem e glorificam o seculo em que vivemos.

E ninguem se admire e extranhe que nós, o enviado de Jesus Christo e o Ungido do Senhor para cuidar da salvação das almas para o seu sancto reino, que não é o d'este mundo, nos deixemos possuir e dominar de tanto fervor e enthusiasmo perante estas conquistas e esplendores materiaes da nossa civilisação; pois, segundo diz Sancto Agostinho, as Nações christãs que vivem á sombra da fé e debaixo da bandeira de Jesus Christo, devem fazer o ornamento d'este mundo pela felicidade da vida presente em ordem ás glorias da eternidade: e por isso, quando o homem devassa os mares e rasga os continentes, quando communica os povos e as Nações umas com as outras com a velocidade do raio, quando domina e vence os elementos, e quando rouba á natureza os seus thesouros e o seu poder para cercar a sua existencia de esplendor, de encanto e de belleza, usa d'um direito legitimo e divino, d'um direito que Deus abençoa e que a Religião por meio dos seus Ministros sanctifica; porque a Religião quer, approva e applaude todo o progresso para o bem; só reprova e condemna o progresso para o mal.

Porém não nos illudamos, nem nos deslumbremos com os prodigios da sciencia e da actividade humana em nossos dias, e com o papel que representamos em todas estas maravilhas. Não são obra nem creação nossa a pedra, o marmore, o ferro, os metaes, a agua, o fogo, o ar, o vento e a luz; e comtudo nós nada podemos fazer e produzir sem estes elementos. Quem os creou? Quem os poz á nossa disposição? Quem nos deu este mechanismo maravilhoso do corpo humano que os transforma? A intelligencia que nos guia o braço, e a força de vontade que sustenta a acção e nos submette o mundo inteiro? !

E' esse Sêr, supremo, invisivel e Divino, que se occulta aos nossos olhos sob o veu da creação, mas que tambem por meio d'ella se nos manifesta mais evidente e mais brilhante que a luz do sol. E' Deus, o auctor da natureza, o creador do universo, a bondade infinita, a sabedoria increada, o poder omnipotente e o Senhor absoluto dos povos e das Nações, a quem adoram os anjos no céo e os homens na terra; e a quem nós todos, que somos seus filhos, e por Elle tão singularmente beneficiados—com os esplendores d'este céo, com as amenidades d'este clima, com os encantos d'esta natureza, com a fertilidade d'este solo, com as bellezas d'este Mondego, com a doçura dos nossos costumes e com estas delicias da paz—vimos prestar este testemunho solemne da nossa homenagem e do nosso reconhecimento, e esta confissão e protesto da nossa fé e da nossa creança por meio d'estas supplicas que lhe fazemos para que Elle que tudo vê, e que tudo sabe e tudo póde, preserve e defenda de perigos e de desgraças estes carros de fogo que vamos benzer.

Recebei e deferi benigno, nosso Senhor Jesus Christo, estas supplicas do Rei Fidelissimo e do seu povo, e d'este indigno Enviado vosso e dos seus Amados Filhos e Diocesanos.

Fazei, Senhor, com que todos aquelles que confiarem a sua vida a estas machinas para se transportarem d'uns pontos para outros cheguem sãos e salvos ao seu destino, e com que ao subirem para ellas se lembrem sempre de que estão nas vossas mãos, e sob a bandeira e escudo da vossa protecção Divina.

Abençoae todos estes progressos da ordem material, mas não deixeis que por elles se esqueçam e ponham em pouco os outros bem mais necessarios da ordem moral, e a vida e as necessidades das almas, para que não bastam os caminhos de ferro e as riquezas do commercio e da industria.

Illuminae o Rei e o seu Governo e todos os nossos homens publicos e de todos os partidos sobre a necessidade urgentissima de se promover seriamente o bem religioso e moral do Paiz para, sobre o egoismo e a soltura das paixões que nos corrompe, a febre dos prazeres que nos devora, a ambição desregrada que nos desvaira, e a indifferença religiosa e a descrença politica que nos desalenta e retrahe, se levantar firme e constante a practica das virtudes christãs, domesticas, sociaes e politicas—a justiça, a nobreza de sentimentos, a independencia, a abnegação, o valor, o brio, o patriotismo e a honra, que foram sempre o timbre e o apanagio do caracter portuguez, e a condição necessaria e indispensavel da prosperidade e grandeza das Nações. E para este fim, Senhor, auxiliae e inspirae a todos a alliança franca e sincera, e por que nós tanto pugnamos, da sociedade civil com a Religião Catholica, de que provêm estas virtudes; e que, extranha como é e deve ser a todos os partidos e de todos respeitadora, tem luz para todas as trevas, verdade para todos os erros, bençãos para todos os talentos, resoluções para todos os problemas, remedio e conforto para todos os males, caridade e ternura para todos os corações.

Tomae, Senhor, sob vossa protecção e guarda especial esta Nação fidelissima e o seu Augusto Soberano, o Senhor Dom Luiz Primeiro, e Sua Magestade a Rainha e toda a Familia Real.

Guiae-lhes os passos n'esta Regia visita, que vêm fazer ás Provincias do norte, para testemunharem o seu amor e desvelos pelos seus subditos, e os seus jubilos e alegrias pelo progresso e melhoramentos do Paiz.

Tornae esta visita util e proveitosa para o povo, e estreitae e fortalecei entre todos cada vez mais os vinculos da paz, do respeito, da obediencia, do affecto e do amor, vinculos que são a nossa honra, a nossa gloria, o nosso apoio e a nossa esperança, principalmente em vista d'esses attentados selvagens que em outros Paizes têm envergonhado a civilisação e a humanidade, e que o nosso, grande mercê de Deus, repelle, detesta e abomina.

E finalmente, Senhor, derramae sobre nós todos—sobre o Rei e os seus subditos, sobre o pastor e o seu rebanho—os auxilios da vossa graça e os thesouros da vossa infinita misericordia, para que no fim d'estas nossas viagens sobre a terra encontrêmos aplanado o caminho para a viagem do céo, que é a nossa verdadeira patria.

## ECCOS DA IMPRENSA

### A VOZ DO SANGUE

A imprensa progressista faltaria ao mais imperioso, e mais sagrado dos seus deveres, diz eloquentemente o *Districto de Vizeu*, se, em presença dos cadaveres da Meda, deixasse de erguer a sua voz e protestar solemnemente contra esse acto de selvageria praticado pelas auctoridades de um governo faccioso, que pôz peito a esfollar o povo e fuzilal-o depois de o ter esfollado.

E esse grito e esse protesto não deve ser tomado á conta de incitamento á revolta e á anarchia.

Não vimos aqui defender os excessos do povo; vimos condemnar os rigores do governo.

De qualquer modo que os factos se passassem, é certo que a tropa respondeu com polvora e bala ás provocações populares.

Podia a tropa fazel-o?

Não e mil vezes não.

Podia a tropa para castigar alguns discolos, levados á desesperação pela oppressão e pelos vexames fiscaes, fazer fogo contra uma feira inteira, sacrificando innocentes e culpados, derramando em campo de carnificina o sangue de cidadãos portuguezes?

Quem é que deu ao commandante de um destacamento o direito de impôr pena de morte aos transgressores da lei?

Quem lhe deu o direito de immolar innocentes, que viviam á sombra das leis patrias e cuja vida é ainda mais sagrada, mil vezes mais sagrada, que a dos grandes criminosos, que no meio dos seus crimes a lei respeita ainda?

Pois o exercito, que foi instituido para defender o paiz e salvaguardar a vida, a honra e a propriedade dos cidadãos, arvora-se em tyranno e em carrasco do povo, que o sustenta com o suor do seu rosto, com o trabalho do seu braço, com o sangue das suas veias?

E' esta a missão do exercito portuguez? Está esse dogma de sangue no seu credo de honra e de dignidade?

Atirar sobre innocentes!

Mas em que paiz estamos nós?

Estamos nos certões de Angoche?

O nosso exercito é um aggregado de tapuyas e de selvagens?

Se o povo não podia, ou não queria pagar, porque o povo não pode, nem deve pagar mais, não tinham as auctoridades os tribunaes para o coagir a pagar?

Está acaso escripto nas nossas leis que se fuzile aquelle que não quizer pagar?

Dir-se-ha, que a tropa se defende contra as pedradas do povo?

Miseravel argumento!

Não se responde a uma pedrada com uma bala; e a tropa, se se conservasse á distancia conveniente, poderia evitar o derramamento de sangue e a perda de vidas preciosas.

Deviam tomar-se todas as medidas que a prudencia aconselhasse para evitar um tão desagradavel resultado.

Mas, força é dizel-o, o nosso exercito parece que tem gosto em fuzilar o nosso povo.

Realmente é uma provada bravura fazer fogo contra uma multidão inerme, onde se encontram mulheres e creanças!...

O sr. Fontes deve estar contente, muito contente!

Pois não prometteu elle castigar a desesperação do povo com todo o rigor das leis?

E não a castiga elle com todo o rigor, não das leis, mas da crueldade?

«Finis coronat opus».

A sua obra está coroada.

A pasta, em que se aninhou o syndicato, gotteja sangue!

Os cadaveres dos cidadãos portuguezes constituem o throno da sua proterva filaucia.

Está á testa de um governo forte, elle, o forte dos fortes, o valente dos valentes!

Em Lamego houve tres assassinatos por causa do comicio regenerador (embora lhe queiram dar outros motivos); na Mêda a tropa fuzila uns individuos por não poderem pagar os tributos!

Isto é a gloria das glorias!

Como nas suas olympicas alturas elle esfregará as mãos de satisfeito.

Os seus desatinos financeiros e economicos desfecham em sangue; os seus despauterios politicos desabrocham em victimas!

Correm as lagrimas das viuvas e dos orphãos sobre os cadaveres de paes estremecidos! Em breve correrá talvez mais sangue! Estender-se-ha o luto pelas familias do paiz!

E se a nação é o paiz dos syndicatos, porque não será a nação dos assassinatos?

A lei proscreveu a força; mas o sr. Fontes substituiu o exercito ao carrasco; tem em cada soldado um algoz e diz-lhe: Mata.

O povo não quer fogo!...

E que é o povo na theoria regeneradora?

O povo é o parea do seculo 19.

O povo é o fellah da civilisação portugueza.

O povo é o servo da gleba, que tem por destino lavrar o campo e grangear os fructos para a mesa dos Atridas da regeneração.

O povo é o escravo que tem de pagar com seu suor e com seu sangue o pão do festim para os cancibaes, que nos governam.

O povo, pois, sue, pague e morra.

Uma cruz na valla de um cemiterio indicará o logar onde as victimas da oppressão dormem o somno tranquillo da morte; e a historia regada com sangue exaltará o talento e o patriotismo do coveiro da monarchia.

O povo sue, pague e morra.

As gottas do sangue popular, salpicando os arminhos do par sem par, a farda do general pintado, os galões do ministro incomparavel e o mesmo tosão d'ouro darão realce ás insignias do olympico Fontes.

Não receiem os satellites do grande astro das victimas lhe vão perturbar o somno placido.

A sua consciencia está pura e tranquilla; e elle semeia ventos, recolhe tempestades; mas lava como Pilatos as mãos no sangue dos justos, que morreram por não poderem pagar as contribuições.

A este tempo chegámos; e este é apenas o prologo do grande drama que se prepara, e que ha muito se está ensaiando!

Ainda El-rei não abrirá os olhos!

Que se deixe adormecer ao canto da sereia e saberá depois quão terrivel é o despertar!

Do *Progresso do Algarve*:

Levanta-se no horisonte uma nuvem, que se alastra e tolda os ceus puros da patria.

Caminha, e a passos agigantados desfaz-se em torvelinhos, que obumbram de negruras as almas virgens, que se tem roubado a este desfacelamento, a podridão social, que vae cancerando quasi todos os filhos de este torrão.

A miseria!... a miseria, a negra mãe da prostituição e do crime, paira como o abutre, sobre o cadaver da patria, onde já ha podridão que a lousa do tumulo cobre nos cemiterios; onde já ha a larva, que lhe corroe as entranhas!

A miseria assenta-se sinistra á beira dos nossos lares e rouba a força ao braço para o trabalho, á alma a energia para fugir ao sorvedouro, onde se estiolam todos os sentimentos bons—o crime!

Oh a miseria! que horrivel que é vel-a avançar negra, e má e não lhe poder fugir, embora se tenha no animo a vontade que a repilla!

Sentirmos que nos agarra e leva para a morte ou nos atira de baldão para o crime e não nos podermos subtrahir á sua garra adunca que dilacera a vida!

Não digam os homens da situação que fomos buscar á paleta as cores mais negras para lançar á tella quadro, que inspira vapor, para especularmos na consciencia publica, que lhes bradaremos:—que mentem como uns vilões sem honra.

Bem o sabem elles que esta é a verdade pungente do estado deploravel da nossa população industrial, que lucta em todos os pontos do paiz com a miseria; mas cegos ou surdos fingem que não ouvem nem veem a crise e os rumores que se levantam.

Mas continue o governo n'esta apathia, n'este caminhar dissoluto e derrancado, que leve a tormenta, que já adeja imminente, trovejará desancadeando-se medonha.

A fome, a miseria é a mão geradora das mais terriveis revoluções e nós temol-a.

Quererão estes homens a revolução? Quererão elles mais sangue do povo derramado?

Talvez!

Mas por acaso ignoram as suas consequencias funestas? Não de certo.

Mas se a querem digam-n'o. E então que venha, porque só d'ella aguardamos, embora, com magoa o dizemos, envolta em sangue, a unica regeneração possivel a este pelago onde ha mais vicios que virtudes; ella que venha para afugentar da nossa patria os corvos, que espreitam o seu cair derradeiro!

Nós amamos a terra onde nos embalaram as caricias de nossas mães e não desejavamos que este torrão abençoado, onde vivemos, fosse escalavrado pela garra das revoluções; que o sangue de nossos irmãos fosse regar este solo que tanto amamos; mas tambem queremos que ella se salve d'este prostramento lethal, em que dorme á sombra da mancenilha.

A revolução será para muitos o cair e não mais ver a luz; mas para outros ha de ser o raiar do sol brilhante dos bellos dias de liberdade, porque verteremos até ao ultimo globulo do sangue de nossas veias; a força vital trazida á actividade, que se mirra ao influxo d'este estado de cousas depravado, devasso e corrupto.

Que venha; e a seu lado estará tambem o nosso debil braço quando a bandeira que desferir aos ventos, for pelo bem da nossa patria.

Que venha; que embora humildes, não sabemos trepidar quando pelejamos pela defesa de nossos lares, pelo bem de nossos irmãos miseraveis.

Que venha; porque não desconhecemos que as revoluções são os gastadores, que abrem novos caminhos para os horisontes do progresso das nações, para a liberdade dos povos, que, como o nosso, jazem acorrentados ao porto das instituições caducas.

Amamos a patria, e é por isso mesmo que levantamos a nossa voz contra esse corrilho que nos rouba e que cerra, n'uma obstinação maldita, os ouvidos aos gritos dos miseraveis, que pedem pão.

Amamos a patria, por isso estamos serenos e ella nos terá a seu lado para derribar dos altares os falsos deuses, que só derramam miseria e fome.

A miseria, senhores do governo, é muita e por toda a parte. E a fome é má conselheira e tem maus precedentes na historia.

Cautella!

# Correio do Sul

**Lisboa 21 de setembro.**

Hontem houve assignatura real, tendo vindo para esse fim de Cascaes el-rei. Em seguida houve, como lhe prenoticiei, conselho de ministros, aonde, segundo consta, se tractou da nomeação dos bispos e conegos e d'outros assumptos importantes. O negocio da nomeação dos prelados e conegos não é de facil solução; por isso terá de ser objecto de mais do que um conselho.

— Verificou-se no dia 19 o banquete promovido pelos legitimistas, para celebrarem o 29 anniversario natalicio do sr. D. Miguel de Bragança, o qual foi servido em um salão do hotel *Bragança*. O jantar foi de 90 talheres. A meza estava vistosa e elegantemente adornada. Presidiu o ex.mo conde da Redinha e assistiram representantes da velha aristocracia portugueza, da imprensa legitimista de Lisboa e das provincias. Houve enthusiasmo nos convivas e reinou a melhor ordem.

O sr. conde da Redinha tinha á sua direita o sr. Antonio Pereira da Cunha e á sua esquerda o sr. Lucas Castello. Houve brindes enthusiasticos e muitos applaudidos, sendo-o principalmente o do sr. Pereira da Cunha e do sr. dr. Pinto Coelho á nação. Tambem fizeram brindes os srs. D. Antonio Lorena, D. Jorge de Locio, dr. Teixeira Duarte, Jorge de Cabêdo e Sarrea Prado. Ao começar o jantar o sr. conde da Redinha dirigiu ao sr. D. Miguel de Bragança um telegramma de felicitação pelo seu anniversario natalicio. O jantar começou ás 7 horas e meia e terminou depois das 11. O vasto salão brilhava pelos lumes, flores e outros muitos ornatos. N'uma das salas proximas estava em exposição a escrevaninha de prata e penna d'ouro, que os legitimistas de Covilhã offereceram ultimamente ao sr. D. Jorge de Locio pela defeza que este cavalheiro fez dos direitos do sr. D. Miguel de Bragança ao throno portuguez.

Na casa onde se publica o jornal *Cruz do Operario* houve outro banquete, a que assistiram 30 pessoas, com o mesmo fim do que se realisou no hotel Bragança.

—O *Diario* publicou pelo ministerio competente um decreto regulando os termos de executar a nova circumscripção diocesana, dispondo que as dignidades, conegos, e mais ecclesiasticos que têem beneficio nas sés cathedraes das supprimidas dioceses de Leiria e Elvas, ficam addidos, conservadas as respectivas cathegorias, ás corporações capitulares subsistentes; a saber: os da sé cathedral de Leiria á sé patriarchal de Lisboa, e o da sé cathedral de Elvas á de Portalegre.

Os haveres mobiliarios e immobiliarios das mitras, cabidos, fabricas das cathedraes e seminarios ou cursos ecclesiasticos das dioceses supprimidas são adjudicados a identicas corporações das subsistentes pela fórma seguinte:

Os da mitra, fabrica da cathedral e curso ecclesiastico da diocese de Aveiro, á mitra, fabrica da cathedral e seminario da diocese de Coimbra.

Os bens prediaes e os mobiliarios da mitra de Castello Branco á de Portalegre, e os titulos de divida publica fundada á da Guarda. Os bens prediaes do curso ecclesiastico de Castello Branco ao seminario de Portalegre, e os titulos de divida publica fundada ao seminario da Guarda.

Os da mitra da diocese de Elvas á mitra do arcebispado de Evora, e os do cabido, fabrica da cathedral e seminario da diocese de Portalegre.

Os da mitra da diocese de Leiria á mitra do arcebispado de Evora, e os do cabido, fabrica da cathedral e seminario da diocese de Portalegre.

Os da mitra da diocese de Leiria á mitra da diocese de Coimbra, e os do cabido, fabrica da cathedral e seminario ao cabido, fabrica da cathedral e seminario da diocese de Lisboa.

Os da mitra da diocese de Pinhel á mitra da diocese da Guarda.

Os edificios das sés cathedraes de Castello Branco, Elvas, Leiria e Pinhel, servindo de egrejas matrizes, são para o mesmo fim entregues ás respectivas juntas de parochia, e o da sé cathedral de Aveiro é entregue á da freguezia de Nossa Senhora da Gloria da mesma cidade.

São conservados provisoriamente nos referidos templos as imagens, vasos sagrados, alfaias, paramentos e mais objectos que os prelados julgarem alli necessarios para a manutenção do culto divino; devendo ser entregues por deposito ás juntas de parochia, a cujo cargo ficará tanto a segura guarda d'aquelles objectos, como a conservação das mesmas egrejas.

As corporações e estabelecimentos adjudicatorios procederão aos actos necessarios para garantia da posse e administração de todos os bens e direitos immobiliarios que lhes ficam pertencendo; e receberão por inventario todos os mobiliarios, tanto os de uso profano, como os destinados ao culto que não forem conservados nos templos.

Os cartorios das mitras, cabidos, fabricas das cathedraes e seminarios ou cursos ecclesiasticos das dioceses supprimidas, são transferidos para os das corporações e estabelecimentos das dioceses a que são adjudicados os bens d'aquellas.

Os processos findos ou pendentes nos juizos ecclesiasticos, os livros de registro parochial já encerrados e archivados nos cartorios dos livros findos, e quaesquer outros papeis que existirem nas camaras ecclesiasticas passarão para as dioceses ás quaes, ficarem pertencendo as freguezias a que disserem respeito aquelles documentos.

Pelo ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça se expedirão aos respectivos prelados diocesanos quaesquer instrucções necessarias para a execução do que fica decretado.

São conservados provisoriamente os seminarios e cursos ecclesiasticos estabelecidos nas dioceses supprimidas, até que possam ser adoptadas as providencias de que depende a sua definitiva suppressão; e emquanto esta se não realisar, continuarão a ser applicados ás suas despezas os rendimentos dos bens que têem possuido.

— A barca ingleza *John Lefurgey* trouxe de Philadelphia 12:132 saccos de trigo.

— Vae ser elevada á cathegoria de cidade a villa de Figueira da Foz.

— O vapor inglez *Herschel* trouxe de Liverpool 50:000 libras para o Banco de Portugal.

— Foi descoberto no dia 19 o frontão que encima, para o lado do Pelourinho, o grandioso edificio da camara municipal. E' uma obra esta, que dá honra aos artistas que a executaram. A vêl-a e admiral-a tem concorrido alli muita gente de todas as classes e condições. Eis a descripção que fez um jornal ácerca dos altos relevos que adornam a esculptura, o que é interessante:

«O grupo central, que é o que mais attrae a attenção do espectador, já pela posição que occupa no tympano, já porque as figuras que o constituem são mais elevadas e salientes, que as dos grupos lateraes, comprehende o escudo das armas da cidade de Lisboa, encimado pela corôa moral, e sustentado por duas estatuas, representando o *Amor da Patria* e a *Liberdade*. Este grupo, bastante destacado do resto da composição, levanta-se sobre um degrau, que pensa directamente na cornija do entablamento.

O *Amor da Patria*, collocado á direita do escudo das armas, é personificado em um mancebo, coroado de loiros, que na dextra segura a haste da bandeira nacional, cujas pregas o envolvem, e com um dos pés calca o escudo dos moiros e a espada romana.

Junto a esta estatua acha-se o *altar da patria*, no qual se lêem as seguintes palavras: «Deus. Patria. Honor. Abnegatio. Sciencia.»

A *Liberdade* veste a tunica longa e com o pé direito pisa um jugo partido e um escudo voltado, emblemas das suas passadas luctas e das suas victorias sobre o absolutismo. Na mão direita sustenta o escudo das armas da cidade; a esquerda segura um ramo de oliveira e descança, em signal de protecção, na *urna eleitoral*, que assenta sobre a *carta constitucional*.

Por azas tem a urna os *dragões* da casa de Bragança, para recordar que a D. Pedro IV é devido o regimen constitucional em Portugal. Atraz da *Liberdade* e sobre a esquerda vê-se um prelo, uma fôrma e livros, attributos estes que, com a urna eleitoral, personificam a força moral.

O escudo das armas da cidade assenta pela ponta n'um *dado*, emblema de força e duração, que se acha collocado sobre o degrau de que acima falámos. Adiante d'este dado, e sobre o mesmo degrau, um *capacete grego* recorda a fundação da cidade de Lisboa. Tres corôas triunfaes se entrelaçam no cume do capacete, tendo-se na fita da primeira a seguinte inscripção: «Pombal 1755» e D. Pedro IV, 1834».

No grupo lateral da direita divisa-se, no segundo plano e junto ao Amor da patria, a *Sciencia*, sentada no *solium*. Encosta-se a um livro, tem na mão esquerda um compasso e com a dextra levanta o fecho para alumiar a «Navegação, que se acha á sua direita.

Esta ultima, que se reconhece pela corôa rostral e pelo navio, é representada durante a lucta com o oceano, no momento em que descobre o Brazil. Com a mão direita segura a auriflamma portugueza, e batendo com a haste no escudo do Brazil, faz surgir Santa Cruz. Com a mão esquerda está pronta a aparar o golpe, que o «Oceano» vae vibrar-lhe. A tunica arrancada, o mastro do navio partido, assim como a borda d'este calcada pelo pé do hippocampo, recordam as peripecias do descobrimento de Pedro Alvares Cabral. Reconhece-se o *Oceano* pelo hippocampo em que monta, assim como pelos golfinhos do sceptro, com que arremette contra a «navegação».

No angulo do frontão, um navio a vapor em construcção lembra o arsenal de marinha de Lisboa; uma boia, uma ancora, alguns cabos e remos indicam o seu porto.

No grupo da esquerda, junto á *liberdade*, está o commercio, meio sentado n'uns fardos para exprimir que nunca toma completo repouso; com a mão direita segura o caduceu e põe a esquerda, em signal de protecção, sobre o hombro da «industria». Esta, colleada no primeiro plano, senta-se n'uma bigorna e na dextra tem o martello, que descança na extremidade inferior da vara do caduceu para significar a alliança da «industria» com o «commercio». Atraz da «industria» vêm-se um tear e estofos, um cortiço, emblema do trabalho, e uma locomotiva, que simbolisa a actividade e as relações internacionaes. A' esquerda da «industria; no primeiro plano, a *abundancia*, descuidosamente reclinada, encosta-se á charrua, emblema da agricultura, segurando em uma das mãos a cornucopia; á sua esquerda no angulo do frontão, encontram-se como natural complemento os atributos das bellas-artes, isto é, um capitel, uma lira, uma mascara, uma paleta um livro, uma ferramenta de esculptor e um rolo de desenhos.

— Um americano requereu á camara municipal d'esta cidade privilegio para estabelecer nas ruas da cidade uns arcos de vidro illuminados, para affixação d'annuncios, que deverão ser illuminados a luz electrica. E' um novo systema de publicidade.

— Reuniram-se aqui no dia 19 o conselho geral das alfandegas e a commissão encarregada pela Associação Commercial d'esta cidade de colligir as reclamações do commercio contra a pauta aduaneira.

Foi attendida a reclamação dos exportadores de vinhos, na parte que respeita ás vasilhas reimportadas.

Resolveu-se supprimir algumas das prescripções ácerca dos conhecimentos á ordem, e propôr ao governo a creação de warrants.

Resolveu-se tambem abolir o salario de 30 reis estabelecido na pauta, tabela D e fixar o salario de 100 réis por cada 100 kilog., para estivas. O salario dos *vistos* será elevado a 100 réis por barco.

Marcou-se o praso de 2 annos para entrar completamente em vigor a tabela C.

Estabeleceu-se que será facultativa a intervenção da companhia braçal, quando as mercadorias forem descarregadas para armasens particulares.

As taras do arroz serão elevadas a 2 p. c. e as do café a 3.

Vai ser expedida uma circular ás alfandegas n'aquelle sentido.

— Foram classificadas estradas de segunda ordem as seguintes: uma que partindo de Penafiel para a estrada municipal de Penafiel ao Outeiro siga por S. Thiago, sitio dos Chãos de Bitarães, Falbo de Beira, Gondelães, Lomedo e Sabrosa, vá entroncar no Visalto com a estrada districtal, n.º 10 ramo de Paços de Ferreira Cette, estação do caminho de ferro; outra que partindo de Penafiel siga por Mirandella, Canas, Duas Egrejas, Roelhe e Passinho a entroncar em Villa Boa do Bispo no concelho de Marco de Canavezes, na estrada municipal n.º 12 de Mondim de Basto para a margem esquerda do Tamega, Amarante e Marco de Canavezes, (estação do caminho de ferro) á foz do Tamega.

# Correio do Norte

**Porto, 22 de setembro.**

Ao anoitecer do dia 18 do corrente, houve aqui uma *grève* de operarios, de que tive conhecimento apenas depois que expedi para o correio a minha missiva. Cerca de quinhentos tecelões das fabricas de Lordello do Ouro foram encorporados á fabrica de Diogo José da Costa Arantes & Filhos, e pediam que fosse augmentado o salario dos operarios d'aquelle estabelecimento. O gerente da fabrica respondeu, que não podia attender o pedido, em consequencia de ter subido o preço do algodão e dos lucros não serem compensadores.

Então os reclamantes declararam, que seus companheiros, empregados n'aquella fabrica, deixariam de trabalhar e que seriam soccorridos por elles. Depois retiraram em boa ordem. O gerente da fabrica, receiando que os operarios commettessem algum desacato, solicitou do governador civil, que mandasse policia áquelle local. Depois os operarios tecelões resolveram continuar a trabalhar até o proximo domingo, devendo n'este dia resolver em reunião, qual a fabrica que deve suspender os trabalhos por falta de operarios, os quaes serão subsidiados á custa dos seus companheiros das outras fabricas. O sr. governador civil não chegou a mandar policia para Lordello, visto os operarios terem ido para o trabalho.

Tudo isto é o effeito da crise alimenticia, que affecta quasi todas as classes trabalhadoras, porque os seus salarios nem chegam para a sua subsistencia, em consequencia do alto preço porque se estão cotando todos os generos e até mesmo os do primeiro consumo.

— A'cerca do estado de adiantamento em que se acham os trabalhos da parte metallica da ponte Luiz I, os quaes se estão executando na Belgica, publicou o illustrado *Commercio do Porto* de hontem as seguintes interessantes informações.

«Meus bons amigos—Tenho notado sempre a anciedade com que o Porto espera a conclusão da ponte Luiz I, que vai estabelecer uma dupla communicação entre dous dos primeiros centros commerciaes do nosso paiz. Achando-me presentemente na Belgica, tenho o melhor ensejo para lhes enviar minuciosas e veridicas informações ácerca do adiantamento dos trabalhos de construcção da parte metallica de tão importante obra de arte, que hoje deve considerar-se em via de conclusão, nos seus elementos mais importantes. Effectivamente, como vão vêr, a construcção está bastante adiantada.

Estão construidos e montados na fabrica de Willebroeck os tres pilares metallicos que a ponte possue, um (encontro marginal) do lado do Porto, e os outros (encontro marginal e pilar-médio) do lado de Villa Nova de Gaya. O material d'estes pilares é remettido para ahi no fim do corrente mez.

A metade do taboleiro superior correspondente a Villa Nova de Gaya está em construcção e será expedida para Portugal no fim do proximo mez de outubro. A metade do lado do Porto será expedida no fim de novembro. Como sabem, depois de assentar os pilares a primeira cousa a fazer é desenrolar sobre elles o taboleiro superior, cada uma de cujas metades deve levar, na opinião dos engenheiros da fabrica, tres mezes a assentar, contados da chegada do material.

A parte mais sumptuosa da ponte é, sem contestação, o grande arco, com a abertura de 180 metros e o peso total de cerca de 1:800 toneladas. O material para elle será expedido no mez de abril do proximo anno, e será assente tanto de uma como de outra margem, seguindo-se para este fim o processo engenhoso que foi aproveitado para a construcção do arco da ponte Maria Pia, isto é: depois de bem presa á margem e aos pilares a parte do taboleiro superior, que já estiver lançada, serão montadas por séries as peças do arco, ligando-se depois com fortes cabos metallicos cada série ao referido taboleiro e aos pilares-encontros. Estes cabos são magnificos, todos de aço, e deverão custar cerca de 60:000 francos. Acabado o arco, cortam-se os cabos e elle ficará firme. Calcula-se que estes trabalhos levarão seis mezes.

Finalmente, o material para o taboleiro inferior será expedido no fim do mez de junho, sendo o seu assentamento extremamente facil, por isso que, como sabem, o taboleiro inferior é suspenso do superior.

Em vista do que deixo dito, o proprio administrador da Société Anonyme de Construction e des Ateliers de Willebroeck, mr. Leopold Valentim, engenheiro distinctissimo, affirmou-me que no fim do proximo anno a ponte estará concluida.

Em razão de uma pertinaz enfermidade do engenheiro mr. Augevere, que tem estado n'essa cidade e presentemente se acha em França, a montagem da ponte Luiz I vae ser provisoriamente dirigida por mr. Maury, engenheiro distincto, que foi chefe de serviço nas obras do grande tunnel de St. Gothard. Adjunto a este cavalheiro ficará mr. Tabry, que já se acha no Porto.

Terminarei, communicando-lhes algumas informações ácerca das officinas de Willebroeck, uma das mais notaveis que a Belgica possue.

Na pequena povoação de Willebroeck, não longe de Malines, foi fundada em 1870 pelo considerado engenheiro belga mr. Leopold Valentin, a fabrica hoje pertencente á Société Anonyme de Construction et des Ateliers de Willebroeck, de que aquelle cavalheiro é administrador delegado, e director, juntamente com mr. Seyrig, engenheiro bem conhecido em Portugal, que fez um estudo completo da ponte Luiz I.

As officinas de Willebroeck empregam actualmente 350 operarios e podem produzir annualmente 5 a 6:000 toneladas de construcções metallicas, comprehendendo pontes, pharoes, armações de ferro e construcções navaes de dragas, barcos etc.

Este notavel estabelecimento metallurgico fornece tres quartas partes das construcções navaes destinadas ao rompimento do isthmo de Panamá; e construe metade de todos os caissons e installações mettallicas destinados aos importantissimos trabalhos maritimos de Anvers, emprehendidos por mrs. Couvreux & Hersens.

A proposito, dir-lhes-hei que estes ultimos industriaes tencionam occupar-se da construcção das grandes obras propostas para o melhoramento do porto de Lisboa, caso venham a emprehender-se algum dia.

Por ultimo, resta-me apontar que as officinas de Willebroeck occupam grande extensão de terreno, achando-se installadas em bons e airosos edificios, tendo os seus productos facil expedição, não só por que defronte da fabrica fica uma estação de caminho de ferro, mas tambem porque é banhado por um canal navegavel.

— Chegou ante-hontem a esta cidade a commissão de officiaes de estado-maior, que foi encarregada pelo governo do estudo das fortificações do Douro.

— Verificou-se no dia 19, como prenoticiei, a assembleia geral ordinaria dos accionistas da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro. Apresentado o relatorio da direcção e respectivo parecer foram votados e approvados por unanimidade, levantando-se a sessão.

— Foi concedida á commissão promotora da exposição de ceramica, que vae realizar-se n'esta cidade, a quantia de 300:000 para premios, o abatimento de 50 por cento no transporte dos productos destinados a este certamen industrial e a passagem gratuita dos operarios que queiram ir visital-a.

—Celebrou-se aqui uma conferencia dos representantes da imprensa, a fim de resolverem sobre os termos de fazer uma manifestação de saudade á memoria do par do reino o sr. Antonio Rodrigues Sampaio. Foram approvadas duas propostas, uma para promover-se uma subscripção para a instituição d'um premio annual para o alumno mais distincto da escola primaria da freguezia de S. Bartholomeu do Mar, e outra pa...

*R. C.*

# PARTE OFFICIAL

## SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

*Diario* de 19

Mercês honorificas.

Decreto dissolvendo a junta de parochia de Oliveira concelho de Mesãofrio.

Despachos pelos ministerios do reino e da justiça.

Lista para arrematação de bens e foros nacionaes.

Decreto applicando á provincia d'Angola a carta de lei de 10 de agosto de 1843, para substituição do tributo que actualmente se cobra dos pescadores maritimos da mesma provincia, e que fica abolido.

Portaria nomeando uma commissão para proceder ás necessarias averiguações ácerca do modo por que se tem effectuado a cultura dos arrozes no districto de Coimbra.

*Diario* de 20

Despachos pelos ministerios da justiça e reino.

Listas para arrematações de bens e foros nacionaes.

Aviso declarando receber-se na repartição de fazenda do districto do Porto os requerimentos para os candidatos ao logar de recebedor da comarca de Villa do Conde.

*Diario* de 21

Despachos pelos ministerios da justiça e reino.

Listas para arrematações de bens e foros nacionaes.

# LITTERATURA

## A CIVILISAÇÃO

A humanidade é uma grande familia, tem um só pae, é Deus.

O christianismo e o feudalismo encontraram-se no limiar da edade média: eram duas forças convergentes, a resultante determinára a marcha do genero humano.

A civilisação não se aniquilou com a queda do monstruoso imperio de Augusto. O progresso não sabe recuar, avança sempre. A edade media é uma edade progressiva. E' o grande peccado da philosophia positiva, é o crime horrendo que lhe não perdoam as diversas seitas methaphisicas. Estão no seu direito não aprofundando o estudo da filiação historica, mas não estão no seu direito obscurecendo as verdades da critica philosophica.

O christianismo levantou o edificio da moral, sacudindo a tutela da politica.

*Cesari Cesaris; Deo Dei.*

A escravidão antiga transforma-se na servidão feudal. O cancro tendia a extirpar-se; era um ponto negro, que não escaparia aos raios fulgentes da civilisação. A moral constituindo-se sob o triplice ponto de vista individual, domestico e social, garantia e firmava a dignidade humana, lançava os fundamentos da familia, e avigorava a organisação dos estados, que irrompendo do mundo barbaro recebiam em seu seio os detrictos da civilisação grego-romana.

A edade média significava um progresso. A linha da evolução social não tem solução de continuidade.

E dos braços da organisação vigorosa da edade média, o mundo lançava-se no collo da democracia revolucionaria ao estampido colossal da explosão de 89. O christianismo e o feudalismo diluindo-se espontaneamente, viam erguer-se ao seu lado o edificio da positividade.

A edade média fôra sem interrupção continuada pela edade moderna, e essa transição era saudada pelo ribombar do canhão de Guttemberg, arremessando os seus projectis sobre o sólo do continente, que Colombo descobrira abrindo a cortina do espaço. A guerra defensiva do feudalismo devia ceder o passo á installação do reinado da industria.

A' revolução negativa e demolidora da methaphysica, devia succeder a revolução positiva e organisadora da sciencia. A sciencia não arraza senão para edificar.

A edade moderna é a edade positiva da humanidade. A sciencia é o pharol erguido pela geração moderna; e será a columna de fogo que dirigirá as gerações futuras pela vasta peregrinação do mundo.

Sacudindo a tutella de Deus e das abstracções metaphysicas, o espirito moderno acastela-se no mundo da observação e da experiencia, e não conhece outro terreno que lhe seja accessivel.

A instrucção é e deve ser o grande problema do socialismo moderno. Só a sciencia positiva fará despontar a aurora da regeneração social e presidirá á installação da verdadeira e racional organisação politica. Declamem embora contra ella os democratas revolucionarios da egualdade absoluta ou os retrogrados do absolutismo a todo o transe.

Trabalhar no campo restricto, mas fecundo e exoberante da sciencia, é trabalhar em prol da grande revolução da edade moderna.

E todos aquelles que o fazem merecem a denominação de positivistas, e collaboram conscientemente na portentosa obra de Augusto Comte.

## OS AMORES DE GARIBALDI

Hão de referir-se os feitos de Garibaldi, ainda depois de que os reis, que se seguirem no throno da Italia unida, hajam esquecido que Napoles e a Sicilia foram um presente que lhes fez o prisioneiro de Va-rignano.

O que prova que Garibaldi era, alem de invencivel e invulneravel,—que são os traços mais legendarios da sua physionomia—um romantico, um heroe de novella, interessante aos devaneios da imaginação, e que as senhoras portuguezas, pouco propensas, do seu natural, ao culto da politica, mostraram ter pena do famoso caudilho, como se esse semi-deus nunca se houvesse occupado senão das bellas e do amor. E' como lh'o digo!

A sua morte tem renovado o ensejo de virem a flor de artigo e de conversação as mil heroicidades e aventuras d'esse extraordinario homem, que desbaratou exercitos, expondo a vida em audaciosos commettimentos, ora adorado, ora perseguido, tão depressa proscripto como victorioso. D'ahi o encanto!

Por entre as grandezas de toda essa existencia de heroismo, lucta, triumpho e gloria, Garibaldi teve desgostos de homem; revezes, e cruas maguas, de simples mortal, acabrunhamentos e desillusões da pobre creatura humana. D'ahi, a seducção, o sonho!...

São essas penas, essas dôres e essas lagrimas, por entre ebriedades das victorias, que tornam Garibaldi mais curioso para a imaginação das mulheres.

Garibaldi teve differentes amores na sua vida; e, porque o poder das cousas não permitta talvez o contrario, esses amores nem sempre foram felizes, e ha tal historia na sua existencia, que não póde ser ouvida sem commoção...

De uma occasião, appareceu-lhe, em pleno campo, cançada, convulsa, fremente de commoção patriotica, uma menina filha de um fidalgo, em casa de quem poucos dias antes Garibaldi se havia recolhido e tivera hospedado.

Era de madrugada.

O heroe, á luz indecisa do crepusculo, reconheceu, pasmado de tal apparição, mas querendo ver n'isso um persagio de fortuna prospera, que a senhora, que o procurava era effectivamente a filha mais velha do fidalgo que lhe déra hospitalidade.

— Sósinha, a esta hora, e no meio de uma sublevação!—exclamou elle.

— Não ha tempo a perder...

— Em que posso obedecer-lhe, minha senhora?

— Não venho pedir, venho prestar-lhe um serviço!

Elle offereceu-lhe o braço, levando-a para um sitio sem testemunhas:

— O que tem a dizer-me?

— Fallo ao libertador da Italia! Soube, hontem, por acaso, que o general Urbano se acha informado da sua estada aqui em Varezzi, e deve surprehendel-o com tropas importantes!

Garibaldi fez um movimento de pasmo.

Ella implorou, que nem lhe perguntasse como havia sabido d'esses promenores, nem quizesse saber por que motivo vinha revelar-lh'os...

— Creia-no, que lhe digo, e regule-se pelas informações que lhe dou. Nada mais.

Garibaldi beijou-lhe a mão, jurou vencer os austriacos, chegar a Como o mais depressa possivel; e, teimando em a acompanhar até estrada segura, separou-se, encantado, enthusiasmado,—e, digamol-o já—namorado da gentil patriotica, formosa e radiante, que viera até elle, por entre a noite, como se a ella propria a houvesse inspirado o amor em querer salval-o!

Foi-se depois direito aos companheiros e resolvendo em harmonia com o aviso que recebera, marchou á frente dos seus caçadores dos Alpes, levado do ardor dos amantes, e varrendo o inimigo para além de Como.

Assim foi continuando a batalhar, que era a sua vida, e a vencer que era a sua estrella; havendo-se, até ao fim da guerra, com os austriacos, á mesma altura.

Depois, assignada a paz de Villafranca o [illegible] a Lombardia [illegible] o Piemonte, em que cuidou o heroe? Em se deixar cobrir de louros, sereno e glorioso, recebendo visitas, parabens e ovações? Qual! No que pensou logo, foi em correr ao castello de Fino, na margem occidental do lago de Como, sete leguas distante de Milão.

N'esse castello morava o fidalgo; n'esse castello morava a intrepida amazona da noite de Varezzi; e, quando o heroe appareceu ali, a familia toda acolheu-o com um tal transporte, e a formosa mostrou tão viva alegria em vêl-o, que Garibaldi deliberou pedil-a ao pae em casamento. *Niente méno!*

Porque a admiração que essa menina sempre testemunhara pelo heroe não devesse inspirar duvidas da sua sympathia por elle, e da annuencia da sua parte a tão honroso pedido; e porque o pae, grande fidalgo, mas grande patriota, estimasse que Garibaldi, n'esse momento heroe da Italia, entrasse para a sua familia; desde logo o fidalgo deu o seu consentimento, e annunciou o caso por entre uma chuva de felicitações.

A noiva apenas,—unicamente a noiva pareceu mais surprehendida do que alegre; mas attribuiu-se isso á commoção e ao modesto acanhamento, natural n'uma menina, em ir receber por marido aquelle grande e sublime personagem.

Activou-se tudo para não demorar o casamento. Foram dos differentes pontos de Italia os parentes do fidalgo reunir-se no castello; para lá foi tambem a familia de Garibaldi, e não tardou nada que alli se combinasse logo novo consorcio entre o filho de Garibaldi e a filha mais nova do fidalgo.

A noiva adoeceu.

Chegaram as testemunhas; esperam dois dias, depois mais um, depois mais outro.

Mas, a noiva continuava doente, não se tirava do quarto, queixava-se e não se levantava da cama.

Porque os medicos dissessem que a doença não era de cuidado e lhe não vissem gravidade alguma, esperava-se sempre que, no dia immediato, ella se achasse em estado de poder celebrar-se o casamento na capella do castello.

Estava assignado o contracto; as testemunhas, que se achavam ali fazendo falta ás obrigações do seu officio, e cada um ás funcções do seu cargo, desejavam que a espera se não prolongasse; a Italia inteira dirigia a sua attenção para as noticias que os jornaes deviam dar da conclusão d'este caso; e Garibaldi, como está bem de crêr, tinha pressa tambem, tinha a impaciencia natural de quem ama, em poder chamar sua, definitivamente, á scintilante visão d'aquella celebre madrugada.

O fidalgo entendeu que não era possivel, airosamente, ficar á espera toda a vida que a menina se levantasse, e, resolvendo não esperar nem mais um dia, mandou vestir a filha e deu ordem para que a trouxessem para a capella, se ella não pudesse andar pelo seu pé.

Celebrou-se o casamento.

Em seguida, a noiva declarou que estava a sentir-se mais agoniada, e não podia assistir aos festejos.

Espalhou isto, como é natural, certa tristeza em toda a gente; Garibaldi teve de considerar sua esposa como uma doente: e, no dia immediato, chegou-lhe uma carta sem assignatura em que se lhe dizia que um primo d'essa senhora, um conde, tinha com ella amores; e em que se lhe revelava uma particularidade da mais grave e irremediavel importancia.

Garibaldi, entre esmagado por esta cruel noticia, e desvairado de dôr e de colera, tratou logo de pedir razão da traição que se lhe fizera; mas, o fidalgo aterrado, tão afflicto e tão indignado como elle proprio, cahiu prostrado na alcova de sua filha quando, ao apresentar-lhe a fatal carta anonyma, viu que ella não ousava desmentil-a.

Oppresso pela desgraça, que o feria, e não podendo queixar-se senão do incrivel comportamento de uma mulher, Garibaldi-do-se, sem bulha que acordasse o escandalo.

Parece que a alguem que perto de Morza o encontrou, e que ignorava como todos então, aquella terrivel historia, elle respondera a respeito de estar casado:

— Sim; mas separo-me. Discussões de familia, questões especiaes de interesses... Adeus.

E foi andando.

D'alli, passou á sua ilha solitaria de Caprera, onde ficou por uns mezes a esconder o desgosto que o devorava.

A noiva sahiu no dia immediato, deixando casa e familia e viveu por uns tempos na Suissa. Dizem que era uma mulher alta e trigueira, de feições regulares, mas accentuadas; nunca a vi. Era a filha mais velha das cinco, que teve o marquez R.* da irmã da Ronconi; tinha vinte e tantos annos. Por ser bastarda ficou sem direito a poder herdar da fortuna do fidalgo, que morreu pouco depois d'esta horrorosa embrulhada. Espalhou-se que morrera ella propria logo depois; tenho ideia de me dizerem, até que fôra de parto que ella morrera; mas não estava viva, quando correu essa noticia, e o seductor havia-a abandonado e casára com outra.

Não sei se hoje está já averiguado quem haja sido, que escreveu a carta; e o motivo que o haja levado a isso. Em Italia, havia, a tal respeito, as opiniões mais desencontradas. Pessoa amiga parece que não deva ter sido; aliás haveria dado o aviso na vespera e não no dia immediato! Restam os inimigos, e d'esses ha mil especies sempre; quanto mais os que tal homem, superior, invejavel, raro, haja necessariamente, por tantas razões, devido ter!... Quizeram attribuir aquillo a algum Milanez, dedicado ao partido austriaco, para se vingar de Garibaldi;—a mazzinistas enraivecidos de o verem alliar-se com a aristocracia, em caminho de ficar sendo um general como qualquer outro ao serviço de Victor Manoel, e capaz de não querer saber de mais nada senão das delicias caseiras, ao vêr-se ligado a uma mulher nova e bonita;—a um diabo qualquer, que lhe tivesse asco, com forte ou fraco motivo;—a alguma mulher despeitada, invejosa, ciumenta, ou vingativa...—?

— *Chi lò sà?*—como dizem em Italia...

Assim como ha as mulheres de Shakspeare, as mulheres de Walter Scott, as mulheres de Georg Sand e as mulheres de Balzac—sem fallarmos, bem entendido, nas mulheres da Biblia—tambem se diz em Italia:—as mulheres de Garibaldi, *Le donne di Garibaldi*...

Todo historias extraordinarias, romanticas, extravagantes, raras...

A formosa Margharita, donzella nobre, que abandonou o lar paterno para acompanhar a carreira aventurosa do *condottière*, e que elle enterrou junto de um rochedo, abrindo elle proprio a cova pela sua mão...

A animosa Annita, com quem casou em Montevidéo, que o acompanhou na Italia, dormindo nas tendas de batalha, batendo-se ao lado d'elle, fazendo as vezes de seu ajudante, e morrendo por não poder, apesar de americana, com uma lida d'aquellas.

A *marchesina*, essa, de quem acabo de contar a historia do famoso casamento em 1859, mulher delicada, elegante, de olhos magnificos, de que ainda se falla em Milão, e a quem as senhoras de Italia defendem, affirmando haver sido por sua natural timidez que ella não tivera coragem para resistir á vontade violenta e fanatica de seu pae. Ha muito quem diga, em Milão, que o Hazzini, não perdendo o Garibaldi de olho, lhe enviára, tão depressa lhe constou que essa filha de Raimondi tinha amores, um certo Spiazzi e um certo Quadrio, incumbidos de lhe tirarem da cabeça aquelle projecto de casamento; mas que o Garibaldi não quiz dar ouvidos a cousas taes, e chegára a dar com uma bengala nos embaixadores de Mazzini; furioso, principalmente com Spiazzi, pela teima d'este em insistir no seu dito e querer pôr os pontos nos ii.

Finalmente, a sr.ª Francesca, Francesca Capocci Mamada—boa e alegre creatura, segundo o dizer geral—mulher baixa, grossa e vermelha, que deu dois filhos ao heroe que ella amava extremosamente—Clelia e Manlio. Era uma camponeza do Piemonte, e o mais galante do caso é o seguinte:

Um genro de Garibaldi, um tal Canzio, tinha-a tomado para ama de leite do seu primeiro filho; Garibaldi gostou d'ella e ahi foi a sr.ª Francesca, não sei bem se depois de acabar, ou não a creação, passar a ser a companheira gloriosa do heroe... cujo neto amamentára.

Ah! foi um typo, o Garibaldi; foi uma grande figura! E é justo que, ainda depois de morto, lhe regateiem, no parlamento, na sociedade de geographia, e n'um ou n'outro club, academia ou sociedade mais ou menos comica, o *voto de sentimento*, que aliás não se recusa nunca, nem aos mediocres, nem aos paspalhões, nem ás nullidades,—como sempre, em vida, os homens lhe regatearam a veneração, e o destino lhe regateou a felicidade.

Pobre Garibaldi!... Havia n'elle alguma cousa de sublime; e, por isso mesmo, superior á comprehensão dos que fazem carreira, na politica ou nos amores, na governação ou na respeitabilidade, por saberem evitar o desinteresse, a dedicação, a coragem e a sublimidade,—ou porque a natureza favorecedora os haja dispensado de possuir esses dotes perigosos... Grande e glorioso Garibaldi! Poeta e Martyr, que as Italianas põem no oratorio, e a quem accendem luzes, como á *madonna*!

JULIO CESAR MACHADO.

# BIBLIOGRAPHIA

## DIREITO ROMANO

E' o titulo e o assumpto do n.º 38 da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, cuja utilidade é geralmente conhecida. Assigna-se na *Empreza Horas Romanticas*, rua da Atalaya, 40, Lisboa.

## SCIENCIA PARA TODOS

### REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

*Summario do n.º 36*:—A' memoria de Antonio Rodrigues Sampaio—Da educação intellectual moral e physica—Formação das terras araveis—Astronomia: Marte—Phylloxera vastatrix: Como se conhece a existencia do phylloxera nas vinhas—O mundo das aguas: Os aquarios—Sciencia portugueza: Ribeiro Sanches—O caminho de ferro inter-oceanico do Canadá—O cafezeiro—Variedades: O canto da sereia—Bibliographia: Mais um livro a respeito da ilha da Madeira—Noticias scientificas e industriaes: Grutas na Sardanha; Inconvenientes dos tacões altos; Congresso de electrecidade: Os caminhos de ferro electricos e as lavandeiras de Berlim; Exposição ceramica; O azeite no mar; Modo de trazer os filhos; Vaporisação dos metaes; Illuminação electrica; Acção da cafeina; Novo insecto destruidor das vinhas; Acido salicylico no genero Viola; Estatistica—Diccionario de medicina popular—Boletim bibliographico—Calendario.

Redacção e administração, Rua da Fé, 18, Lisboa.

## MODA ILLUSTRADA

Publicou-se o numero 90 d'este excellente jornal; o summario é o seguinte:

*Gravuras*: Vestido para casa (frente e costas.)—Vestido para menina de quinze annos.—Vestido para praias.—Dois bordados de contas sobre tulle—Mesa Duqueza.—Vestido côr de rosa (frente e costas).—Vestuario para visitas.—Camisa de noite.—Touca de manhã.—Fichu.—Avinhão, casaco para viagem (frente e costas).—Man-[illegible] de viagem—Capa Carick.—Vestuario de setineta.—Vestido de seda.—Vestuario para senhora nova.—Duas pontas de mantas.—Cesto para costura.—Quatro quadrados de renda Renascença.—Tira de tapessaria.—Bordado arrendado.—Tira bordada.—Mesa de pellucia.—Duas tiras de tapessaria.—Tira de bordado Richelieu.—Fecho para capa.—Bracelete.—Dois ganchos Petunias.—Trajo para passeio (frente e costas).—Cabeção com renda Renascença.—Cabeção á Luiz XIII.—Almofada de velludo e tapessaria.

*Supplementos*: Figurinos coloridos.—Folha de moldes e debuchos.—Passatempos.

*Artigos*: Correio da Moda.—Sob os lilazes.—De relance.—Entre-actos.—Livros novos.—Romance da moda.—Mil e uma receitas.—Correspondencia da *moda*.

Cada n.º da *Moda Illustrada*, consta de 12 paginas, 8 das quaes completamente cheias de gravuras, de uma folha de moldes e de um figurino colorido. Além d'isso dá minuciosas descripções de todos os figurinos sendo portanto muito superior aos jornaes francezes.

Assigna-se na Empreza Horas Romanticas, Rua da Atalaya, 40 a 52 Lisboa.

## O MESTRE POPULAR

### (O FRANCEZ SEM MESTRE)

Recebemos os n.os 35 e 36 d'esta excellente publicação linguistica semanal de que é redactor o distincto professor Joaquim Gonçalves Pereira. Redacção e administração, Palacio do Antigo Correio Geral, Lisboa.

# NOTICIARIO

**Um duello tragico.**—Domingo, ás 8 horas da tarde, effectuou-se nos suburbios de Paris um duello, sobre o qual publica extensos e interessantes pormenores a imprensa franceza.

Os combatentes eram M. Dichard, director do *Petit Caporal*, e M. de Massas, redactor em chefe do *Combat*. Ambos os periodicos propugnam a causa imperialista: o primeiro, esperando das circumstancias o exito das suas ideias; o segundo, excitando á guerra e pedindo quotidianamente um golpe de estado por meio das armas.

M. de Massas chegara a Paris havia pouco tempo, e, levado do seu caracter fogoso, iniciou uma polemica violentissima contra o periodico de M. Dichard. Este enviou-lhe os padrinhos, e, depois de largas discussões, pediu-se o juizo de um tribunal de honra.

Constituiram este M. Paulo de Cassagnac e M. Cunéo d'Ornano, os quaes redigiram uma acta, considerando indispensavel um duello. Resignando-se com este parecer, os padrinhos fixaram as condições do recontro, deixando a eleição das armas e sitio a M. Dichard, primeiramente aggravado.

Marcou-se o dia 3, ás 3 horas da tarde.

O combate verificou-se n'uma quinta que o jornalista Alberto Rogat possue entre Nogent e Joinville.

Foi rapido o recontro. No espaço de noventa segundos, M. de Massas, que tomou a offensiva com um ardor extraordinario, produziu tres graves ferimentos em M. Dichard, e, ao descrever um semi-circulo para vibrar um quarto golpe na cabeça do seu adversario, este aproveitou um movimento em falso, atravessando o pulmão direito de M. de Massas.

O redactor do *Combat* caiu no solo, e apenas teve vida para balbuciar estas palavras «Doutor... minha mulher... meus filhos...»

O cadaver foi conduzido pelos padrinhos a Colombes. A viuva aguardava n'um café, proximo ao local do recontro, a noticia do resultado d'este, e alli soube da morte do seu marido.

M. de Massas fôra official de infanteria de marinha, e era brilhante a sua folha de serviços. Ferido em Villersexel, foi recolhido e curado n'uma casa de campo. Enamorou-se ali de uma solicita enfermeira, filha dos donos, com a qual contrahiu matrimonio. Falleceu aos 35 annos, deixando quatro filhos e uma regular fortuna.

M. Dichard, que recebeu ferimentos de gravidade, mas cujo estado não é desesperado, tem a mesma edade que o seu antagonista. Possue uma justissima reputação de jornalista scintillante, e collabora no *Figaro* com o pseudonimo de Henri Day.

Este duello excitou profundamente os animos entre os imperialistas, e não seria estranho que servisse de prologo a outros, bem que possa rasoavelmente esperar-se que as suas tragicas consequencias apaguem os ardores de novas pelejas.

Pouco depois de effectuado o recontro, circulava em Paris uma folha anonima, na qual se diz que M. Dichard ferira M. Massas, quando já os padrinhos haviam dado a voz de alto.

Os padrinhos protestaram contra esta calumnia.

**Suicidio por amor.**—Suicidou-se em Paris uma das mais formosas, se não a mais formosa actriz da *Comedie Française*: Julia Feyghine.

A formosa actriz vivia n'uma intimidade muito doce com o duque de Morny, filho do que tanto figurou no segundo imperio. O duque tinha feito por ella avultadas despezas, e resolvera pôr ponto n'aquelle romance de amor, retirando-se para a Russia, onde esteve um mez, a fim de dar tempo á sua amante a resignar-se.

Ao voltar, Julia Feyghine procurou-o em sua casa, e ali o esperou, nos aposentos particulares, até alta noite. Succedeu isto no sabbado passado, 9 do corrente. O duque ali a encontrou, e como lhe manifestasse o proposito de fazer uma nova viagem á Russia, mademoiselle Feyghine, disse-lhe:

—Leva-me comsigo?

E como o seu amante lhe allegasse a impossibilidade de o fazer, porque importaria para ella quebrar a sua carreira artistica, com outras razões e evasivas, mademoiselle Feyghine voltou-lhe as costas, defrontando com um espelho, dizendo ao duque simplesmente:

—Boas noites!

E disparou um tiro sobre o coração. A infeliz actriz ainda agonisou durante dois dias, mas succumbiu ás consequencias do seu acto de desespero.

Este suicidio fez grande bulha em Paris. Mademoiselle Julia Feyghine era natural da Russia, de uma villa proxima de Moscow, d'onde viera arrastada pela sua paixão pelo theatro. A sua formosura era deslumbrante, o que lhe valia para attenuar os seus defeitos no theatro, onde nunca podera vencer os vicios da pronunciação natal. Era loira, muito branca, tinha o nariz direito, levemente arredondado na extremidade, e usava os cabellos frisados sobre a testa.

**Tristissimo romance.**—Contam os jornaes de Vianna um verdadeiro romance, de que uma parte importante acaba de passar-se n'uma hospedaria d'aquella cidade.

No domingo de manhã chegou ali uma senhora hespanhola formosissima. Ia só. Apenas entrou n'um dos hoteis viannences, foi-lhe entregue uma carta por um creado da casa.

Leu-a e logo começou a chorar, soltando gritos dilacerantes. Completamente allucinada, n'uma terrivel excitação nervosa, sahiu da hospedaria, e foi dirigir-se apressadamente para o caes do Rapella, com a tenção manifesta de lançar-se ao rio Lima.

Frustraram-lhe o intento dois policias que a tinham seguido, e que poderam reconduzil-a para o hotel.

Não tardou que se espalhasse por Vianna a noticia, e pouco depois era de todos sabida a serie de infelicidades que tinham levado a pobre rapariga aquelle paroxismo senhora. Possuidora de grande riqueza, casou ha annos com um coronel hespanhol, D. Inigo, que fôra para aquella ilha em desempenho de uma commissão de serviço.

Tinha decorrido algum tempo depois do casamento, quando chegou a Havana um tal Dorier, caixeiro ambulante francez.

Este, não desmentindo as tradições galanteadoras que teem os seus patricios, fez uma côrte assidua á encantadora cubana e foi bem succedido.

Um dia o coronel, por denuncia de um creado, descobriu o adulterio, e mandou desafiar o francez, que não sendo positivamente um bravo, respondeu a D. Inigo, mettendo-se a bordo de um navio e vindo ter a Santander.

Da cidade hespanhola escreveu á amante, instigando-a a que viesse juntar-se com elle.

Ella fez-lhe a vontade, e tendo reunido, em joias e dinheiro, um valor superior a 36 contos de réis, veiu ter com o caixeiro, a quem entregou quanto possuia.

Passado tempo, Dorier preveniu-a de que era forçado a fugir immediatamente para Portugal, porque D. Inigo havia sabido de Cuba, em direcção a Hespanha.

Convenceu-a de que não deviam viajar juntos, para que menos notados se tornassem. Partiu portanto no dia 18 de agosto, deixando á amante apenas uma pequena quantia, e tendo-lhe dito que não sahisse de Santander antes do dia 1 d'este mez.

Ella cumpriu a ordem recebida. No dia 10 chegou a Vianna, e procurou o hotel que o francez lhe tinha indicado em um bilhete.

Em vez de Dorier encontrou uma carta, em que elle lhe dizia que era tempo de acabar com aquellas relações, que partia para um sitio muito longe onde não poderia ser encontrado, e lhe aconselhava que voltasse para o marido.

O biltre fugiu levando comsigo os valores que a amante lhe confiára.

Foi, ao vêr-se n'esta horrivel situação, que a infeliz resolveu matar-se.

Este tristissimo romance produziu uma grande sensação em Vianna. Pessoas caridosas procuram fazer com que a desgraçada possa ir para Hespanha, apenas se restabeleça da violenta crise nervosa que ora padece.

**Sir Garnet Wolseley.**—Quando tomou conta do commando do exercito expedicionario do Egypto sir Garnet Wolseley tinha figurado em sete campanhas, levadas a cabo nas quatro partes do mundo, e 30 annos ao serviço da patria. Em uma das acções ficou cego de um olho.

Ganhou os primeiros postos na guerra contra a Birmania em 1825 e 1853; tinha então 19 annos. Voltou das Indias com o posto de capitão, e tomou parte na guerra da Crimeia.

No sitio de Sebastopol distinguiu-se pela sua intelligencia e denodo, e alli recebeu um grave ferimento e varias cruzes. Das nevadas planicies da Taurida voltou Wolseley aos abrazadores valles do Ganges, é nos annos de 1855 a 1858 teve occasião de se distinguir combatendo a terrivel insurreição dos cypayos que por pouco custava ao Reino-Unido as suas possessões da India, e que constitue a mais grandiosa epopeia dos annaes militares da Gran-Bretanha.

No sitio de Lucknow conquistou em 1857 a charlateira de commandante, e o posto de tenente-coronel na gloriosa defeza que fez de Alumbagh. Dous annos depois estava na China, commandando o quartel general do exercito inglez, e alli, com o esforço do seu braço, contribuiu para as victorias de Pa-li-kao e de Pekin.

Foi nomeado coronel em 1865 e enviada ao Canadá: e quando os caçadores indigenas, descontentes dos primeiros colonos francezes e das Indias se amotinaram contra a dominação ingleza, a sua pacificação foi incumbida a Wolseley. O seus serviços no Canadá foram recompensados com a commenda de S. Mauricio e S. Lazaro.

Descansou dous annos nas ilhas, sedentariamente; em 1879 confiou-se-lhe o commando do corpo do exercito inglez que operava na costa occidental da Africa contra os Achantees; bateu no continente africano o rei Koffi, e tomou de assalto a capital Komassia que incendiou e destruiu. Fez pagar ao monarcha negro uma enorme indemnisação, e voltou á Europa.

D'esta vez obteve pelos seus serviços o posto de major general e a commenda da ordem do Banho; o parlamento, «querendo honrar o seu valor, a sua energia e a sua tenacidade», concedeu-lhe uma recompensa monetaria e a cidade de Londres nomeou o cidadão honorario.

Mais tarde foi nomeado commandante geral das milicias inglezas, governador da ilha do Natal e commissario superior da ilha de Chypre. Depois foi nomeado general em chefe do exercito inglez contra os zulús.

E' author de algumas obras militares e de um romance intitulado «Marley-Castle».

**Manobras.**—Na Silesia, nas margens do Oder, nas planicies que se estendem entre Neudorf e Stuben, manobram estes dias dois corpos do exercito prussiano: o quinto, que se recruta em Posnania, e o sexto, que é representa a juventude armada da Silesia.

Cem mil homens tomam parte n'essas manobras.

O imperador da Allemanha assiste a todos os exercicios com o enthusiasmo e o vigor d'um joven. A seu lado estão o principe imperial e a princeza Victoria, esposa d'este; os principes Guilherme e Henrique, netos do imperador: os principes Frederico Carlos, Frederico Leopoldo e Alberto, seus sobrinhos, o marechal conde de Moltke, o general de Blumenthal e todas as outras illustrações da Allemanha militar.

Seguem ao quartel imperial officiaes do quasi todos os exercitos do mundo: até de Mexico, da China e do Japão foram representantes.

O octogenario imperador Guilherme dirige pessoalmente todos os movimentos do exercito, tendo por chefes do estado maior o velho conde de Moltke e seu presumido successor o conde de Waldersee.

Ha dias teve a princeza imperial o capricho de exercer o commando d'um regimento e fez desfilar a galope os hussares da morte, mil e quinhentos cavallos, com o acerto e aprumo d'um grande coronel.

O imperador, que não quiz ser menos que sua nora, poz-se á frente do seu regimento de granadeiros de Posnania, de espada em punho, e conduziu-os a um assalto figurado:

O enthusiasmo do exercito foi indizivel.

**Quadrilha feminina.**—Um negociante do bairro Bonne-Nouvelle recebia, ha dias, um aviso emanado d'um desconhecido, instruindo-o de que numerosos roubos eram commettidos em seu prejuiso por muitos de seus empregados. X. estabeleceu logo uma vigilancia e não tardou em apanhar em flagrante delicto duas raparigas, que escondiam numerosos córtes d'estofos.

Apertadas com perguntas, estas laras confessaram tudo, e declararam que seus primeiros roubos remontavam a mais de cinco annos.

Interrogadas sobre a maneira como se desembaraçavam dos estofos, responderam que uma costureira do bairro de Dontrouge lh'os tomava, e sobre sua indicação, esta mulher foi presa.

Do inquerito resulta que todos os roubos foram commettidos por instigação d'esta costureira que exercia uma verdadeira pressão sobre as duas raparigas.

Deixada só muitas vezes no armazem, ella mesmo levou differentes mercadorias.

Tem-se a certeza de que estas mulheres fazem parte d'uma quadrilha feminina perfeitamente organisada e cujos membros oc-[illegible] dos pela espantosa mortalidade dos recem-nascidos submettidos a uma amamentação mal entendida, ou uma alimentação prematura, e pensando que em muitos casos eram dispensaveis as amas mercenarias, alguns membros da municipalidade de Paris conseguiram ha annos estabelecer uma casa modelo de amamentação. E' a proposito dos resultados obtidos durante 18 mezes n'esta, que o dr. Partet acaba de escrever um relatorio.

No principio, e segundo a pratica constante, havia no estabulo do estabelecimento muitas cabras e uma só jumenta. A experiencia mostrou, bem depressa, que essa proporção devia ser alterada, e hoje só ali existem jumentas.

O leite de burra apresenta com effeito vantagens muito superiores ás dos outros animaes, pelo menos nas primeiras seis a oito semanas, da vida. Deve essa superioridade á sua constituição chimica, que o separa patentemente do leite dos ruminantes, ao passo que o approxima muito do das mulheres.

Na therapeutica infantil elle presta todos os dias serviços preciosos. No caso de perturbações digestivas, tão frequentes nos adolescentes, basta substituil-o ao leite de vaccas algumas vezes ou ao da ama, para ver desapparecer aquellas repentinamente.

A jumenta é, alem d'isso, um animal extensivamente sobrio: contenta-se com o mais reles alimento, á forragem mais pobre, á herva e o feno que a vacca engeita. A cabra, pelo contrario, é um animal delicado; exigindo ar, espaço e uma comida variada, que lhe não póde ser dada em uma grande cidade.

Em presença dos felizes resultados obtidos por tal modo de alimentação, o citado facultativo lembra a vantagem de possuirem todos os estabelecimentos hospitaleiros, destinados a acceitarem recem-nascidos, uma repartição de amamentação, onde se mantenham jumentas e cabras na proporção devida, podendo o leite das ultimas servir para alimentação das creanças de tres mezes e mais.

E' tambem aconselhado acabar com os bules de amamentação, ministrando o leite por copos, ou, ainda melhor, por colheres.

**Relogio curioso.**—Um periodico americano diz que um relojoeiro de Middleburg, Vermont, construiu um relogio dedicado a commemorar o assasinio do general Garfield. Representa uma estação do caminho de ferro em miniatura.

Vê-se vender bilhetes e expedir telegrammas; passam viajantes, carregadores e empregados, e o relogio da estação marca a hora. As figuras são de madeira e de duas pollegadas de tamanho. Ao dar as horas, canta um cuco, e immediatamente apparece na *gare* o presidente Garfield, acompanhado do seu secretario, e vê-se Guiteau seguindo a sua victima ao descer do wagon. Guiteau dispara, o presidente cahe por terra, chega um trem e no meio da confusão desapparecem os principaes actores.

O trem põe-se em marcha, e abre-se uma porta á esquerda, pela qual sahe um ecclesiastico com um livro na mão, como orando pelo presidente, abre-se outra á direita, e apparece Guiteau enforcado. O ecclesiastico retira-se, e as portas fecham-se. A representação dura tres minutos.

**Congresso.**—Nos ultimos dias de agosto, reuniu-se em La Rochelle o congresso da «Associação Franceza para o Adiantamento das Sciencias», para o qual fora convidado e no qual tomou assento, como já o fizera na inauguração dos congressos da mesma associação em Bordeus no anno de 1872, o erudito architecto e archeologo portuguez, o sr. Joaquim Possidono Narciso da Silva.

Este nosso illustre compatriota foi recebido e hospedado, com a maior amabilidade e distincção, n'aquella cidade, pelo respetivo *maire*; e na sessão da abertura do congresso recebeu a honra de ser convidado no meio da numerosa concorrencia, pelo secretario geral da associação, a ir sentar-se n'uma das cadeiras collocadas sobre o estrado, onde só tinham assento os membros da meza e as auctoridades da cidade.

N'aquella sessão—que foi celebrada n'uma antiga egreja gothica profanada—estavam presentes, alem dos muitos sabios de differentes nacionalidades, que tomavam parte nos trabalhos do congresso, numerosos espectadores, prefazendo ao todo um auditorio de cerca de mil pessoas.

O congresso dividiu-se em 16 secções, na forma dos estatutos da associação, tomando aquelle nosso patricio parte em duas d'ellas, a de archeologia e a de engenheria civil. Quando se constituia a primeira, o sr. Quatrefages, o distinctissimo professor e membro do Instituto, a primeira coisa que fez foi propor que o sr. Narciso da Silva fosse proclamado presidente honorario, o que a secção unanimemente approvou. A secção de engenheria civil, ao inaugurar-se, conferiu ao mesmo senhor igual distincção. Estes dois factos são honrosissimos para o nosso illustre compatriota e para o nosso paiz por serem a manifestação do apreço em que o sabio archeologo portuguez é tido pelos distinctissimos homens de sciencia que compunham o congresso.

Na sessão de 28 de agosto, o sr. Narciso da Silva fez uma communicação importante ao congresso, sobre o descobrimento da cidade romana de Numancia, apresentando os objectos que n'ella encontrou, e que foram examinados com particular interesse, especialmente um instrumento cirurgico, um anzol com lastro de chumbo, uma mascara de satyro, etc. Tambem apresentou varios instrumentos de silex, por elle achados nos delmens de Elvas, os quaes, pela sua delicadeza e perfeição, os sabios do congresso qualificaram como—*joias celticas*.

**Disturbios em Lousada.**—Segundo nos informa pessoa que nos merece todo o credito, no sabbado de manhã, na occasião em que um lavrador da villa de Lousada se dirigia com um carro de milho para a estação do caminho de ferro, ao sahir fóra da povoação foi assaltado por alguns individuos, que a todo o transe queriam evitar a sahida do milho. O lavrador oppoz-se formalmente, começando então uma lucta braço a braço entre o aggredido e os aggressores, mas aquelle teve a coragem precisa para se defender, obrigando os outros a retirar, o que fizeram, com o fim de ir tocar o sino a rebate e alarmar o povo, para que o milho não seguisse.

O digno abbade, a quem elles se dirigiram, pedindo a chave da torre, negou-se da maneira mais positiva a satisfazer tão loucos desejos, e então os amotinadores, vendo frustrados os seus designios, resolveram tomar outros meios de vingança.

No dia seguinte e nos subsequentes appareceram varios pasquins na villa e immediações—dos quaes nos foram mostrados dous exemplares,—ameaçando de queimar vivos varios lavradores d'aquelles sitios; se por acaso constasse que elles enviavam milho para a estação do caminho de ferro.

A auctoridade respectiva levantou logo a competente devassa, e, segundo nos consta, estão já descobertos os principaes auctores d'estes alarmes infundados, e que têem posto em sobresalto os pacificos moradores d'aquella villa.

**Apparecimento de cadaver.**—Ha alguns dias appareceu boiando no rio Leça, diz o *Commercio Portuguez* do Porto, o cadaver de um homem recohecendo-se depois ser o do cidadão italiano Celso Guaita, de 31 annos de edade, que ha oito dias pouco mais ou menos havia chegado a esta cidade para ir praticar no Café Suisso, a um dos proprietarios do qual vinha recommendado.

No domingo á bôca da noite o desventurado Celso sahiu de casa sem o participar aos patrões, que notaram a sua falta, de-[illegible] Aconteceu, todavia, que não appareceu o italiano até á manhã de segunda-feira, o gerente do Suisso foi dar parte do succedido ás auctoridades competentes e alguns dos seus caidados foi ante-hontem de manhã dar minuciosa busca ao quarto do seu novo empregado, no intuito de encontrar alguns vestigios que o pozesse ao facto do que se teria passado e que para elle já ia tomando uns ares de mysterio.

Entre os lençoes da cama do desgraçado Celso Guaita, encontrou-se um bilhete concebido nos termos seguintes:

«Sr.—Quando encontrar este bilhete, já estarei afogado; o motivo d'esta minha resolução é uma grande paixão que trago comigo, ha mais de tres mezes.

Espero que me perdoará esta falta.

Peço-lhe o favor que quando encontrarem o meu cadaver, lhe façam um enterro modesto, sem apparato algum.

Lembranças a todos os da casa, e assigno-me—*Celso*.

Adeus mundo.»

Logo depois de se dar com este bilhete soube o gerente do Café Suisso que em Leça apparecera um cadaver, e correndo ali verificou ser o do seu desditoso empregado.

O afogado estava muito ferido no rosto, naturalmente por ser arremessado com violencia pelo mar contra os penedos.

O juiz ordinario do concelho de Bouças officiou aos medicos d'aquella localidade para se proceder ao levantamento do auto; porém os facultativos recusaram-se e por isso não se procedeu áquelle acto official, estando o cadaver insepulto e guardado por cabos de policia.

Hontem foi para aquella localidade o sr. dr. Henrique Pinto, juiz do 2.º districto criminal, acompanhado do escrivão do tribunal criminal do mesmo districto o sr. Tavares Coutinho, e do facultativo o sr. dr. Ricardo Gomes Costa, a fim de procederam á autopsia no cadaver.

O suicida era natural de Guastalia, provincia de Reggio d'Emilia.

**Certamen dos andarilhos e velocipedistas.**—Eis o resultado d'este curioso certamen que se realisou na noite de sabbado passado, no Passeio Publico, em Lisboa:

*1.ª corrida de resistencia*:

1.º premio, João Ferreira, o *Pardal*, deu 20 voltas á pista em 30 minutos e 10 segundos.

2.º premio, Pedro Leopoldo de Carvalho andou o mesmo espaço em quarenta minutos.

*2.ª corrida de resistencia*:

1.º premio, Manuel da Graça, 20 voltas em 36 minutos e 30 segundos.

2.º premio, Manuel Figueiredo Amaral, o mesmo espaço em 38 minutos e 20 segundos.

*3.ª corrida de velocipedes*:

Correram só dois velocipedistas, os srs. Henrique Underhill e Alfredo da Fonseca.

Venceu o primeiro, percorrendo quatro vezes a pista em quatro minutos e 31 segundos.

*4.ª andarilhos, corrida de velocidade*:

1.º premio, Thomaz Antonio Ribeiro, 3 voltas á pista em quatro minutos e 30 segundos.

2.º premio, Antonio Francisco, o mesmo percurso em 5 minutos.

*5.ª idem*:

Foram divididos os primeiros e segundos premios entre Gregorio Xavier Rodrigues e João das Gallinhas, que disputaram a carreira millimetro a millimetro, chegando ao ponto vencedor com absoluta egualdade.

Fizeram o percurso (3 voltas á pista) em 4 minutos e 21 segundos.

**Abertura do isthmo de Malaca.**—Depois do encurtamento das distancias terrestres pelas linhas ferreas, e a abertura dos tunneis, veiu o encurtamento das distancias maritimas pelos grandes vapores, novos caminhos no mar, e a abertura dos isthmos para a communicação dos mares. A abertura do canal de Suez segue a do Panamá; a d'este já se trata de seguir um no isthmo de Malaca. O consul francez em Sião, intrepido explorador da peninsula indo-chineza, poude com os meios postos á sua disposição pelo rei, que só concederá á empreza do canal ao sr. de Lesseps, estudar a possibilidade d'essa importante obra.

**Reunião dos jornalistas.**—A convite d'este diario reuniram-se hontem na sala das sessões da Sociedade de Geographia Commercial do Porto os srs.: Manoel Maria Rodrigues, representando o *Commercio de Porto* e a *Arte Portugueza*: João de Oliveira Ramos, pelo *Primeiro de Janeiro*; Julio Gama, pela *Actualidade*; Castro Neves e Firmino Pereira, pela *Lucta*; Antonio Cruz e Eduardo Salamonde, pela *Voz do Povo*; Francisco Xavier de Carvalho Junior, pela *Folha de Hoje*; Gualdino de Campos, pelo *Dez de Março*; D. Eduardo Blanco e José Antonio Castanheira, pela *Vida Moderna*; Abilio Maya, pelo *Jornal de Viagens* e por *As Damas Portuguezas*; Paulo Laurel, pelo *Gymnasta*; Alberto Augusto Correia, Luiz Cruz e José Cruz, pelo *Julio Diniz*; José Victorino, pelo *Capitulo*; Fernando Maya, pelo *Diario do Exercito*; Joaquim d'Araujo, pela *Renascença* e pelo *Boletim de Geographia Commercial do Porto*.

O *Bombeiro Portuguez* achava-se representado pelos srs. Firmino Pereira e Antonio Cruz, e o *Commercio Portuguez* pelos proprietarios Apolino da Costa Reis, Eduardo Monteiro, e redactores João Cesar Pinto Guimarães e Borges de Avellar.

Não se fizeram representar os seguintes jornaes: *Jornal do Porto*, *Jornal da Manhã*, *Folha Nova*, *Justiça Portugueza*, *Camões*, *Jornal de Horticultura Pratica*, *Agricultor do Norte de Portugal*, *Palavra*, *Archivo Juridico*, *Gazeta dos Tribunaes*, *A Alvorada* e *Camarim*.

Pelas 8 e meia horas da noite, o nosso collega n'esta redacção Cesar Pinto Guimarães, agradecendo em nome do *Commercio Portuguez* a comparencia dos outros collegas, explicou depois o fim d'aquella reunião, bem claramente expresso nos convites que aos proprietarios e redactores dos jornaes mencionados dirigimos ante-hontem.

O sr. Cezar Pinto alludindo com louvor ás altas virtudes do finado mestre e decano dos jornalistas portuguezes Antonio Rodrigues Sampaio, defendeu a ideia de uma manifestação da imprensa portuense em honra d'aquelle patriarcha da imprensa.

Propondo em seguida á assembleia para occupar a presidencia o sr. João d'Oliveira Ramos, esta proposta foi unanimemente approvada.

Assumindo o sr. Ramos aquelle logar, convidou para secretarios os srs. Borges d'Avellar e Cesar Pinto, ao que igualmente a assembleia annuiu.

Constituida assim a meza, foram lidos officios dos seguintes srs.: Sebastião Sanhudo, proprietario do *Sorvete*, agradecendo o convite que esta redacção lhe dirigira e declarando que não obstante ser-lhe impossivel comparecer á reunião accordava em qualquer resolução que se tomasse; do sr. dr. José Caetano Preto Pacheco, redactor e proprietario da *Revista de Direito Administrativo*, no mesmo sentido; dos proprietarios do *Zé Povinho*, em sentido analogo; do sr. Alberto Castro Pereira de Almeida Navarro, redactor do *Jornal de Calliope*, agradecendo o convite e declarando que não lhe era possivel assistir á reunião; da sr.ª viuva Marinho & Filho offerecendo toda a decoração necessaria, simplesmente pelas despezas, a qualquer manifestação funebre que se resolvesse.

Estes documentos ficaram tomados em consideração.

Logo depois o sr. Oliveira Ramos agradeceu a sua nomeação, e expondo o assumpto claramente, submetteu-o á apreciação da assembleia, travando-se larga e demorada discussão, entre [illegible] das seguintes propostas:

«Proponho que em commemoração ao fallecimento do decano da imprensa portugueza, se lancem as bases de uma associação Jornalistica, que tenha por um dos seus fins principaes, a creação de um monte-pio de soccorro para as familias dos jornalistas que falleçam em circumstancias precarias.

Porto, 20 de setembro de 1882.—Assignados—Manoel Maria Rodrigues, Fernando Maya, Firmino Pereira, Castro Neves, J. Victorino, P. Laurel, Gualdino Campos, João Antonio Castanheira, Eduardo Blanco e Cruz, Alberto Augusto Correia, Julio Gama, Abilio Maia, Xavier de Carvalho, Eduardo Salamonde e Antonio Cruz.

«Proponho que esta assembleia nomeie uma commissão que se encarregue de promover uma condigna manifestação de sentimento pela morte do illustre jornalista Antonio Rodrigues Sampaio e promova, do modo que julgar mais conveniente, uma subscripção para se instituir um premio, que na escola de instrucção primaria de S. Bartholomeu do Mar, seja annualmente conferido ao alumno que mais se distinguir na mesma aula.—*José Cesar de Pinto Guimarães*.

A' proposta do sr. Cesar Pinto acreditou o sr. Castro Neves que a commissão apresentaria á assembleia os seus estudos, para essa assembleia resolver como tiver por mais conveniente.

A commissão ficou composta, por proposta do sr. F. Pereira, dos membros da mesa, e dos srs. Castro Neves e Manoel Maria Rodrigues.

Esta commissão reunir-se-ha na proxima sexta-feira, pelas 7 horas da tarde.

A sessão encerrou-se ás 10 e meia horas da noite.

**Figueira.**—Continúa a ser grande a affluencia de banhistas.

Calcula-se em perto de 300 as barracas que todos os dias são armadas.

— Partiu para a sua casa de Mafra, a sr.ª D. Maria das Dores Moura, acompanhada pela sr.ª D. Maria Augusta Laidley, esposa do sr. Augusto Guedes, e por sua cunhada a sr.ª D. Guilhermina Laidley.

— Retirou-se hontem para Aveiro o sr. Egberto de Mosquita.

— Estão n'esta praia os srs. conselheiro Henrique Secco, e Antonio Dias Themido, acreditado negociante da praça de Coimbra, e sua familia.

— Foi na segunda-feira ultima, o beneficio do laureado prestidigitador portuguez Fonseca.

A casa estava litteralmente cheia.

O espectaculo começou por uma comedia em verso os—*Arrufos*, composição do sr. Paul Didier, representada por Palmyra e José Ricardo.

*As cartas vulcanicas—Um capricho momentaneo—O general Prim na Africa—A luva diabolica—Uma nova invenção—Les rubans mysterieux*, foram os trabalhos apresentados n'aquella noite pelo eximio prestidigitador portuguez. Em todos foi muito applaudido, na ultima porém, *Les Rubans Mysterieux*, houve a mais completa ovação, o palco foi coalhado por innumeros *bouquets* e flores dispersas, e houve muitas chamadas.

O artista Fô, companheiro de Fonseca, desempenhou a *Caixa Mepgistophelica*, trabalho muito bem feito, e que agradou. No fim do espectaculo, Fonseca espalhou profusamente pelos espectadores das plateias, camarotes e frisas o seu retrato e um agradecimento ao publico e á imprensa da Figueira pelo modo como o haviam acolhido.

**Vizeu.**—Está se procedendo a rectificação dos estudos do ramal do caminho de ferro para Vizeu, sob a direcção do sr. conductor Cabral. Tracta-se de se estudar uma variante que torne mais proxima a ligação de Vizeu com a linha da Beira Alta.

— O sr. Padre João Ribeiro Marques, de Cavernães, teve no domingo de tarde, no largo da Feira, uma syncope. Foi prom-

plamente soccorrido pelo sr. dr. Eduardo Correia d'Oliveira, e melhorou.

— Sahiram para o Alemtejo dois compradores de gado muar, com uma partida de 50 machos e mulas comprados na feira franca e destinados aos trabalhos dos campos alemtejanos.

Os hespanhoes tem tambem feito importantes compras do gado muar, que se tem vendido por alto preço.

Tem sido tambem importantes as compras de bois gordos, e de bezerros.

— O commercio, de retalho, está desanimadissimo. A concorrencia de visitantes é muito inferior á dos annos passados.

— Falleceu no dia 19 o sr. Francisco Manuel Corrêa, de edade bastante avançada.

— Já regressaram a Vizeu os srs. conde de Santa Eulalia e conselheiro Manuel de Mello Castro o Abreu.

— Sahiu da sua caza da Insua para o Porto a sr.ª D. Camilla d'Albuquerque e seus filhos.

— O sr. tenente-coronel de infanteria 14 Antonio Ribeiro Nogueira Ferrão, casou no sabbado, na egreja dos Terceiros, com uma senhora que ha annos lhe é companheira.

**Exposição de ceramica.**—Em vista da grande concorrencia de productos á exposição de ceramica que a benemerita *Sociedade de Instrucção*, do Porto, resolveu effectuar n'aquella cidade, e attenta a necessidade de se dispor de maior praso para a recepção e classificação dos mesmos productos, resolveu a commissão promotora, em sessão de 14 do corrente, que a abertura da referida exposição fosse addiada para o dia 22 do proximo outubro.

A conhecida fabrica da Vista Alegre faz-se representar, expondo, alem de collecções importantes do que actualmente produz, um grande numero de objectos do seu muzeu, incluindo n'esse numero os primeiros ensaios para o fabrico da porcellana ali feitos no anno de 1828.

**Apontamentos de carteira.**—Completou 23 annos de edade a exm.ª sr.ª D. Izaura de Vilhena, digna esposa do nosso bom amigo o sr. Severiano Juvenal Ferreira.

— Esteve n'esta cidade o sr. Augusto Casimiro Ferreira, 2.º official da alfandega de Portalegre, e que ha annos exerceu aqui o cargo de director da alfandega d'esta cidade com muita intelligencia e probidade. Hospedou-se em casa do seu respeitavel sogro, o sr. Oliveira, digno empregado do governo civil.

Acompanhava-o sua exm.ª esposa, com a qual se retirou na quinta-feira para Castello de Vide.

— Partiu para a Costa Nova do Prado a fim de passar n'aquella formosa praia a estação calmosa, o sr. Antonio Maria dos Santos Freire, nosso bom amigo, e distincto professor publico.

— A uso de banhos foi para Espinho o nosso dedicado amigo o sr. dr. Antonio Simões dos Reis, proprietario e redactor do *Jornal do Povo*, de Oliveira d'Azemeis.

— Acha-se na Figueira da Foz o nosso presado amigo e patricio o sr. Egberto de Mesquita.

— Foi para as Caldas de Vizella o nosso patricio o sr. Antonio Emilio d'Azevedo, integerrimo juiz em S. Thomé.

— Partiu para a capital o sr. Antonio Silvestre do Rego, ex-secretario geral do governo civil d'Aveiro, com sua exm.ª familia.

— Regressou hontem de Madrid a esta cidade o sr. Carlos de Faria e Mello.

— Regressou aqui, de Inglaterra, o sr. João Antunes d'Azevedo.

— Estiveram no sabbado n'esta cidade os nossos amigos, os srs. dr. José Joaquim da Silva Pinho e Vicente Ferreira da Costa.

**Recrutamento.**—O Supremo Tribunal Administrativo denegou provimento no recurso de Joaquim d'Oliveira Brandão, da freguezia da Gloria, d'esta cidade, pelo filho Antonio, ficando portanto o referido mancebo sujeito ao serviço militar, bem como no recurso de José dos Santos Pata Velho, pelo neto José, filho de Sebastião Fernandes, d'Ilhavo.

**Conferencias pedagogicas.** — Não podem realisar-se n'este anno, ficando addiadas para o de 1883, as conferencias pedagogicas nos diversos circulos da 2.ª circumscripção escolar, por motivo de terem quazi todas as camaras municipaes declarado á Inspecção que lhes é impossivel abonar, no presente anno, os respectivos subsidios aos professores.

Esta noticia, que é official, torna evidente a sem razão e o desproposito com que a commissão executiva d'este districto queria obrigar a camara municipal de Aveiro a orçamentar uma despeza que tudo levava a crer que se não faria, e que realmente se não faz.

**Exercicio.**—A força do 9 aqui destacada entrou em exercicio na manhã de 22 do corrente no campo dos Santos Martyres, á voz do seu digno commandante e subalternos.

**Missa das 11.**—A mesa administrativa da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade poude conseguir vencer as difficuldades com que luctava para o conseguiment de capellão do legado, que acaba de contractar, continuando, pois, a haver a missa quotidiana das 7 horas e a das 11 aos domingos e dias santificados.

Foi, portanto, como dissemos, por virtude de força maior, a suppressão d'esta ultima; e bem andou a mesa em estabelecer de novo aquella missa, que era de muita necessidade para os fieis.

**Força militar.**—Retiraram no domingo 20 praças dos que tinham ido para Espinho, ficando apenas ali 10 para a policia da praia.

**Desastre.**—Na semana passada deu-se um abalroamento entre dois barcos nas portas d'agua da barra, do que iam resultando mortes. Por isso o sr. Francisco Regala, capitão do porto, prohibiu a passagem de barcos por ali.

**Demissão.**—Foi demittido a seu pedido o sr. Manuel Cardoso, fiscal do imposto do real d'agua no concelho de Castello de Paiva.

**Chronica das praias.**—Espinho começa a animar-se, pois a assembleia já tem mais vida. Houve alli ultimamente um brilhante sarau musical, a que assistiram mais de 300 pessoas, e em que tomaram parte os mais distinctos amadores.

Fez-se a eleição da mesa directora, ficando presidente o sr. visconde de Veiros, e director o sr. Fernando Caldeira, sendo de esperar que estes cavalheiros, pela sua influencia e sympathia, dêem áquella casa o desenvolvimento que está reclamando.

A festa a Nossa Senhora da Ajuda fez-se no proximo domingo a espensas dos banhistas, por meio de subscripção.

Espera-se grande concorrencia, como é costume.

— No Furadouro vão muito adiantadas as construcções de palheiros para os pobres.

Casas particulares poucas se tem construido.

— A Costa Nova está muito concorrida, mas pouco animada, porque, como de ordinario, cada um vive apenas no seu palheiro.

Ao banho armam-se sessenta e tantas barracas.

A unica novidade é—*O lyrio da praia*—um *petit maitre* que faz ostentação da sua *toilette* estapafurdia e pandiga.

A camara de Ilhavo mandou alli fazer alguns reparos na motta, que estava quasi intransitavel.

**Partido medico-cirurgico.**—Está a concurso o partido medico-cirurgico do concelho de Monte-mór o Velho com o ordenado de 250$000 réis.

**Plantação do tabaco.**—Deram o melhor resultado, segundo escrevem da Regoa, as experiencias feitas alli para a cultura do tabaco nas regiões phylloxeradas, e cujos terrenos nada produziam para os respectivos proprietarios, que se achavam reduzidos á mizeria. O tabaco plantado na Quinta do Porto offereceu uma vegetação esperançosa, promettendo ser para o futuro o germen da riqueza d'aquella provincia devastada actualmente pelo terrivel flagello.

E' agradavel esta noticia, que nós festejamos, saudando d'aqui a provincia do Douro, porque no horisonte do seu futuro irradia um consolador astro d'esperança.

**Dissolução.**—Foi dissolvida por decreto do governo a junta de parochia de Oliveira, no concelho de Mezão-frio.

**Pasquins.**—Em alguns pontos do concelho de Louzada appareceram affixados nas esquinas pasquins, ameaçando com morte e incendio os lavradores, que vendessem milho para fóra da localidade.

**Anniversario natalicio.**—O partido legitimista de Braga celebrou no dia 19 o 29 anniversario do sr. D. Miguel de Bragança, fazendo rezar uma missa gratulatoria no templo do hospital de S. Marcos, e fazendo um banquete no grande hotel do Bom Jesus do Monte, o qual teve começo ás 5 horas da tarde.

**Egrejas providas.**—Foram apresentados os seguintes presbyteros: o sr. Antonio Augusto Pinheiro, na egreja do S. Salvador da Gandara, concelho de Valença; Antonio Fernandes Martins, na egreja de S. Thiago de Robodões, no concelho de Santo Thyrso; Roque Teixeira d'Araujo Pereira, na egreja de Taboadello, concelho de Guimarães; José Saraiva Arantes, na egreja de Urgueira, no concelho de Sabugal.

**Vindimas na Bairrada.** — A este respeito escreve de Mogofores, em data de 20, ao nosso collega do *Commercio do Porto* o seu illustrado correspondente o seguinte:

«No dia 25 começarão as vindimas na Bairrada. As vinhas do concelho de Anadia apresentam um aspecto sadio e as uvas foram muito beneficiadas com as chuvas d'este mez. O seu estado de maturação está a pedir que a colheita não se faça demorar. Sobre a quantidade variam os calculos; póde, porém, conjecturar-se que, no geral, a Bairrada não terá este anno menos vinho do que teve o anno passado. Se a vindima se fizer por um tempo enxuto, a qualidade de vinho deve ser tão boa ou melhor do que foi a de 1881.

Vae, pois, começar para esta localidade a epoca da grande faina viticola, e ainda d'esta vez, se o tempo se conservar ameno e enxuto, a Bairrada terá uma lisongeira colheita do seu primeiro producto agricola, o que, todavia, como já por vezes tenho dito, não deve servir de pretexto para os viticultores cruzarem os braços diante da crise que ameaça a vinha europeia.

O aspecto das vinhas no concelho d'Anadia é por ora bom. A colheita a que vae proceder-se, espera-se que seja tambem favoravel, tanto em quantidade, como em qualidade; mas, ameaçada como está a Bairrada da invasão phylloxerica, as condições lisongeiras de hoje só devem advertir os viticultores, de que é necessario empregar todos os meios de precaução para que ellas não se tornem precarias no dia de amanhã.

Ainda agora, em rapida visita que fez a Anadia, o illustre œnologo, o sr. Ferreira Lapa, tão rapida que não nos deu tempo a procural-o, recebeu o distincto professor do Instituto Agricola uma excellente impressão da perspectiva dos vinhedos d'estes arredores, e, segundo nos consta, animou os proprietarios com quem tractou a proseguirem nas suas plantações e a cuidarem com esmero no fabrico dos seus vinhos, não deixando, todavia, de reconhecer a inadiavel necessidade de estarmos todos prevenidos para a lucta de resistencia, assim que o mal se descubra nos nossos vinhedos.

Infelizmente na Bairrada ainda se dá pouco peso á terrivel crise que se avisinha de nós. Oxalá que os que vêem hoje tudo côr de rosa, não hajam de reconhecer fóra de horas a illusão em que se mantiveram.»

**Notavel andarilho.**—O celebre andarilho francez, mr. Weiss, denominado o homem relampago, propoz-se dar um d'estes dias uma volta a Pariz, percorrendo tão grande distancia em duas horas e 15 minutos!

**Syndicancia.**—Marcharam para Mêda os srs. tenente-coronel de infanteria 12 e alferes Ayres de Carvalho, do mesmo regimento, a fim de syndicarem ácerca do procedimento do sr. capitão Villar, commandante do destacamento que se achava n'aquella villa por occasião dos tumultos que alli houve e que infelizmente, produziram a morte d'alguns populares d'aquelles sitios.

**Cadeiras a concurso.**—Perante as camaras municipaes dos concelhos de Arruda e de Tabuaço está aberto concurso para provimento das cadeiras de ensino elementar da escola mixta da freguezia de S. Thiago dos Velhos do referido concelho d'Arruda e a do sexo feminino da freguezia de Barcos do mencionado concelho do Tabuaço e a do sexo masculino da freguezia de Lindim do mesmo concelho—todas com o ordenado de 100$000 réis.

**Estada.**—Está actualmente em Espinho a respeitabilissima sr.ª baroneza de Palma e seus exm.os filhos. S. ex.ª tenciona demorar-se alli até 20 de outubro, regressando depois á sua casa da Beira.

**Partida.**—Partiram para a sua casa de Oliveira de Frades o nosso muito presado amigo e correligionario o sr. dr. Manuel Nunes d'Oliveira Sobreiro e sua exm.ª esposa. Ss. ex.as contam demorar-se alli apenas algumas semanas, regressando depois a sua casa n'esta cidade.

**Regresso.**—O sr. visconde de S. Januario já regressou do Minho ao Porto e dentro de pouco partirá d'alli para a Beira, contando achar-se na capital antes de 15 de outubro.

**Estada.**—Está agora de novo em Espinho o sr. dr. Antonio José Teixeira, muito digno director geral das alfandegas. Mais socegado ácerca da questão que tantas vezes o obrigou a ir a Lisboa, a das pautas, s. ex.ª conta poder estar alli ainda algumas semanas.

**Salinas.**—Apezar das chuvas que teem cahido, os marnotos teimam em não abandonar a colheita e por isso não perdem occasião de a augmentar. O tempo porém parece que melhorou um pouco, ha mais calor e menos vento, e isso não contraria a colheita.

O preço actual do genero é de 27$000 réis o barco de 4 moios de razas.

**Apanha de birbigão.**—Como o mar não produz, os pobres pescadores começaram este anno mais cedo a apanha de birbigão, e n'este serviço occupam-se actualmente centenas de braços. O que é para sentir é que a auctoridade policial da ria não tenha ainda obstado a apanha que d'aquelle genero se faz para estrume das terras, o que é um grande mal para a alimentação. Para o facto que suppomos ponderoso, chamamos a sua attenção.

**Trabalho no mar.**—Trabalharam ante-hontem e hontem no mar e crê-se que tambem trabalharão hoje. As pescas foram poucas no geral das costas, sendo melhor, ainda assim, em S. Jacintho, onde houve lanços de 200$000 e 170$000 réis etc. A pesca foi petinga, que se vendeu no mercado por 2$900 e 3$000 réis o milheiro.

**Fallecimento.**— Falleceu na sua casa de Lobão, concelho de Tondella, o sr. dr. José de Pina Cabral e Loureiro, abalisado jurisconsulto, sogro do sr. dr. Perestrello, governador civil de Portalegre, e pae do nosso distincto condiscipulo e amigo dr. José Augusto Cardoso de Pina Cabral, a quem dirigimos os mais sentidos pezames.

**Necrologia.**—Falleceram no paiz nos ultimos dias as seguintes pessoas:

No Porto:—a sr.ª D. Justina de Souza Dias, esposa do sr. Manuel Soares Victorino; a sr.ª D. Maria Luiza Teixeira de Magalhães, esposa do sr. commendador Domingos do Espirito Santo Magalhães.

Em Lisboa:—o sr. José Pereira Cabral Loureiro, advogado.

Na Regoa:—o sr. Antonio Manuel Fonseca Monteiro, vereador da camara.

Na Covilhã:—o reverendo prior da Conceição, parocho respeitabilissimo.

Em Lobão (Beira):—o sr. José de Pina Cabral e Loureiro, advogado distinctissimo e antigo governador civil de Vizeu.

## CORREIO DE HOJE

(Do nosso correspondente)

**Lisboa 22 de setembro.**

Nada se revelou por ora acerca das deliberações tomadas no ultimo conselho de ministros, ou mesmo sobre o assumpto que foi objecto da discussão. Consta porem que a questão da nomeação dos bispos e dos conegos não ficou ainda resolvida, nem o será tão depressa, porque ha muito que harmonisar nas pretenções e prevêem-se despeitos que difficilmente se aplanarão e podem até causar deserções no grupo ministerial. E' isto o que ouvi e se affirma; por isso a questão ha-de dar que fazer, para que se resolva de modo a não abrir feridas graves.

— A imprensa dos differentes matizes occupa-se de novo das reformas politicas. Porque a progressista as tem pedido com instancia e fundamentou a exigencia, pronunciando-se no mesmo sentido a opinião publica, a regeneradora apresentou-se tambem animada do mesmo espirito, promettendo que os seus paraninfos tambem tem pulso para as realisarem. Por emquanto, porem, nada ha, que se veja a tal respeito e as reformas apenas apparecem nas columnas dos jornaes. E melhor seria, se ellas tem de fazer-se de modo a deixar tudo no cabos, em que se acha a administração, que se deixem caminhar as coisas como estão, porque, tocando-se nas grandes chagas, sem lhes applicar remedio radical, aquellas tanto mais se desenvolvem e succede a gangrena.

— Na teia da imprensa está ainda a questão da legalidade, ou illogalidade, com que foram intimados os centros politicos para apresentarem os seus estatutos dentro d'um certo prazo.

— O governo nomeou arbitros na questão com a companhia da Beira, a respeito da linha de Alfarellos, o sr. juiz José Maria Borjes e o engenheiro sr. Sousa Gomes, e propoz para desempate o juiz do supremo tribunal o sr. Ferreira Novaes.

Pela junta geral do districto de Braga, foi enviado ao ministerio das obras publicas o projecto do lanço da estrada districtal de Amares a Rafoios de Basto, comprehendido entre a Feira de Monsul e Arcos, no comprimento de 4:420,m57. O orçamento é de 13:100$000 réis.

A direcção das obras publicas do districto de Coimbra enviou o projecto, na extenção de 5:495,m12, e orçamento na importancia de 30:700$000 réis do segundo lanço da estrada districtal da estação de Formozelha ao porto de Lares, comprehendido entre a Costa d'Arnes e Verride.

Tambem foi enviado o projecto do lanço da estrada real do Freixo de Espada-á-Cinta-e-Villa Real, comprehendido entre Souto Maior a Villar de Maçada, na extensão de 10:245,m23.

A camara municipal do concelho de Castro Daire requereu ao governo subsidio de 251$419 réis para a construcção de uma ponte sobre a ribeira de Paivô, no lanço da estrada municipal de Castro Daire a S. Joaninho, comprehendido entre Fareja e Farezinhas.

— Os empregados fiscaes aduaneiros receberam finalmente o mez d'agosto. Já é pontualidade!

— O circulo do Funchal resolveu eleger seu representante o sr. Anselmo Braamcamp, illustre chefe do partido progressista. Concorre com sua ex.ª um sr. João de Sant'Anna e Vasconcellos, que é presidente da camara, e que tem sido accusado pela imprensa local de faltas graves na gerencia do municipio. O sr. visconde de Villa Mendo é governador civil no Funchal e parece que já trabalha no sentido de fazer vencer o seu candidato. O facto não maravilha ninguem: o que maravilharia era o procedimento contrario. O sr. Braamcamp ha de ser guerreado no Funchal, como seria em qualquer parte que o apresentassem, mas de pouco valerão os ardis do governo, porque s. ex.ª não deixará de ir á camara.

— O estado em que se acha o pagamento dos professores em quasi todos os districtos do paiz, é espantoso. A maior parte das camaras não pagam a estes aliás utilissimos servidores do estado, de fórma que muitos d'elles quasi que mendigam para poder viver. Felizes aquelles que teem 5 e 6 mezes d'atraso, felicissimos são os que recebem todos os mezes. As cousas n'este ramo de serviço publico estão em tal estado, que o governo terá de providenciar dentro de pouco, em ordem a remediar o mal que aquella pobre classe está soffrendo.

— O negocio do syndicato complica-se. O contracto não está assignado, porque ha sobre a formula das obrigações grave desintelligencia entre o sr. Burnay e o governo—querendo aquelle que ellas tenham a declaração—*garantia de 5 % pelo governo portuguez*, e querendo este que ellas tenham a restricção do maximo de 135:000$000 rs. e as restricções impostas na lei. Parece pois que quem está em melhor terreno é o governo. Esta questão ha de ser grave sempre.

—O sr. Mariano de Carvalho parte hoje para a Figueira, esperando-o alli uma recepção digna.

—Falleceu no Limoeiro o parricida João Marques Ferreira, de Barcarena.

— O sr. José Ribeiro da Cunha, que tinha vindo a Lisboa, parte hoje para a Granja, sendo companheiro do sr. Mariano de Carvalho até á estação onde este cavalheiro é esperado.

—O respeitavel bispo dos Açores, o sr. D. João Maria Pereira do Amaral Pimentel foi insultado de palavras por uma orda de mancebos, filhos de familias em boa posição social, na tarde do dia 7 do corrente, quando regressavam d'uma tourada;—foi insultado de palavras, apedrejando-lhe por fim as janellas. O sentimento em Angra por este facto é geral, pois que ninguem ha alli mais digno de veneração que o illustre prelado, tão rudemente offendido.

—E' no dia 30 d'este mez que o sr. ministro da justiça parte em digressão para o Alemtejo.

—O commercio está sobresaltado com a noticia, que corre, de que o governo brasileiro vae augmentar 10 p. c. nos direitos de importação.

—O digno par do reino, o sr. Francisco Simões Margiochi, foi com sua familia passar alguns dias na sua magnifica herdade de Valle de Flores, suburbios de Evora.

— Foi confirmada a exoneração pedida pelo sr. João Carlos d'Ornellas Cysneiros, do logar de agronomo do districto do Porto.

— Vão ser estabelecidas estações telegrapho-postaes em Castendo e Sattam. Tambem vae estabelecer-se a posta rural no concelho de Mangualde.

—Na ausencia do sr. Carlos Bento, que partiu na quarta-feira para o Porto, tem occupado a presidencia do tribunal de contas o sr. conselheiro Gama Barros.

—Vae ser nomeado secretario da junta de fazenda de S. Thomé e Principe o sr. Daniel de Lima Trindade, redactor do *Combate*. Quem trabalha quer paga, e lá isso, justiça lhe seja feita, o partido regenerador não fica a dever nada a ninguem, porque dispõe, como seus, dos dinheiros da nação.

— O sr. Fontes partiu para o Bussaco, onde vae assistir á festa de domingo.

— A assignatura real é na 3.ª feira.

— E' falsa a noticia do governo inglez querellar do *Diario de Noticias*.

—Regressou da sua digressão ás provincias do norte, o sr. commendador Thomaz Quintino Antunes e sua esposa.

— Foi nomeado escrivão de direito do terceiro officio da comarca de Moçambique o sr. Abilio Alves de Sousa.

— O sr. general Rego vae reassumir o commando da 4.ª divisão, indo para o Porto o sr. general Candido Furtado, que commandará interinamente a 3.ª divisão, durante a ausencia do sr. conde de Torres Novas, que vae gosar licença na sua quinta na villa de este nome.

— Chegou de Loanda o sr. coronel D. João da Silva Lobo.

— A sr.ª D. Eugenia Vizeu foi agraciada com o titulo de viscondessa de S. Caetano.

— Chegaram avultados carregamentos de tecidos e varios generos para o nosso mercado, pelo vapor *Lisbon* de Liverpool, e pelo *Ville du Havre*, do Havre.

— Foi dissolvida a mesa da casa da misericordia de Villa Nova de Famalicão.

— Projecta-se para o proximo anno uma exposição internacional de agricultura que se realisará na real tapada da Ajuda, sob a protecção de sua magestade el-rei, do governo e de algumas corporações.

—Esteve em Lisboa, hospedado no Hotel Central, quarto n.º 6, o sr. Stanley, o grande explorador do continente africano, que depois de ter achado Levingstone no interior da Africa, descobriu o verdadeiro curso do Zaire, fazendo a travessia de Zanzibar até á foz d'este rio. Já partiu para Pariz.

Consta que esta notavel visita se prende em questões da mais alta importantancia para o nosso paiz.

## EXTERIOR

Alexandria, 21.—Rendeu-se hoje a praça de Damietta.

O seu governador militar, Abdallah-pachá, partiu d'ali em direcção ao Cairo, acompanhado d'uma fraca escolta.

Madrid, 22.—Os governos da Suecia e Noruega pediram á Hespanha a prorogação do tratado de commercio, que vai expirar no dia 15 de outubro proximo.

O governo hespanhol, porém, recusará essa prorogação, como já recusou a dos Paizes Baixos.

Alexandria, 22—Não se confirmam ainda as noticias da rendição de Damietta.

O Khediva recebeu hontem uma carta do governador Abdallah-Pachá, offerecendo submetter-se aos inglezes sem condições e pedindo para fazer hoje a entrega da praça.

# ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITERARIAS


## EDITAL

Doutor Antonio Mendes Bello, Desembargador da Relação e Curia Patriarchal de Lisboa, Vigario Geral e Governador do Bispado d'Aveiro, etc.

Permettindo-se em Portaria de 8 de Setembro corrente que os alumnos, que se dedicam ao estado sacerdotal e a quem falte a approvação em uma ou duas das disciplinas preparatorias para a matricula no 1º anno do Curso Ecclesiastico, possam ser admittidos ao exame das mesmas no proximo futuro mez d'Outubro, e cumprindo-me fixar o praso para requererem admissão aos exames os alumnos, que quizerem fazel-os, e bem assim designar os dias, em que elles deverão ser feitos, em harmonia com as disposições do art.º 2.º do Decreto de 26 d'Abril de 1877 e Portaria do Ministerio dos Negocios Eclesiasticos e de Justiça de 1 de Junho do mesmo anno, faço saber o seguinte:

1.º Até ao dia 25 do corrente mez serão apresentados na Secretaria do Curso Ecclesiastico, com despacho meu de admissão, os requerimentos dos alumnos que pretenderem examinar-se em uma ou duas das disciplinas preparatorias para a matricula do 1.º anno do Curso Ecclesiastico, e assim considerados pelas Portarias de 16 e 18 de Setembro de 1873 com tanto que aos requerentes falte a approvação só n'aquella ou n'aquellas diciplinas, em que pretenderem ser examinados.

2.º Os requerimentos deverão ser formulados e instruidos segundo o disposto no art.º 58 do Decreto Regulamentar de 31 de Março de 1873 e com as certidões d'approvação nas disciplinas preparatorias, em que tiverem sido examinados os requerentes.

3.º Nos dias 27 e 28 do corrente, os alumnos assignarão os termos de admissão.

4.º Os exames serão feitos no local e dia, que será designado por edital affixado na porta do edificio das Aulas Ecclesiasticas no dia 30 do corrente mez.

Para constar mandei passar o presente, que será affixado nos logares do costume, em Aveiro aos 15 de Setembro de 1882.

Eu, Alexandre José da Fonseca, Professor e Secretario do Curso Ecclesiastico, o subscrevi.

ANTONIO MENDES BELLO.

## Arrematação

No dia 1.º do mez seguinte, pelas 11 horas da manhã, junto á porta do tribunal judicial d'esta cidade de Aveiro, se procederá em hasta publica, á venda de uma rede nova completa e prompta a pescar, indo á praça no valor de 100:000 reis, de sessenta e cinco cordas de linho, indo á praça no valor de 57:000 reis, e de umas casas terrias com seu aido de terra lavradia sitas no logar da Gafanha, indo á praça no valor de 65:000 e isto por força da execução movida n'este juizo por Manuel Marques de Sá, o Ganhavida, de Esmoriz, á Companhia Nova dos Luizes que pesca na Costa Nova do Prado, e contra o respectivo fiador João Francisco Bartholo, d'Ilhavo. Pelo presente são citados para a arrematação quaes quer credores incertos.

Aveiro 18 de Setembro de 1882.

O escrivão

*Pedro Augusto Bernardino Pimentel Calisto.*

Verifiquei

*Almeida Medeiros.*

## REGIMENTO D'INFANTERIA 14

O Conselho Administrativo d'este regimento faz publico, que no dia 10 de outubro do corrente anno se hade proceder á arrematação, em hasta publica, dos generos para o rancho dos soldados e officiaes inferiores do mesmo regimento.

As condições que servem de base para esta arrematação, acham-se patentes na secretaria do mesmo Conselho Administrativo.

Quartel em Vizeu 15 de setembro de 1882.

O secretario,

*José Peixoto d'Alarcão.*

## EDITAL

*MANUNL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA, antigo deputado da Nação, Cavalleiro da Legião de Honra de França e Presidente da Camara Municipal do Concelho d'Aveiro etc.*

Faço saber que, na conformidade do art. 9.º do Decreto de 23 de agosto preterito, se recebem na secretaria do municipio, desde a presente data até 7 do futuro mez de outubro, quaesquer reclamações contra a subdivisão do contingente para o serviço militar do corrente anno, feita pela camara em sua sessão de 14 do corrente mez, e cujo mappa se acha patente, dentro do referido prazo, para quem o quizer ver e examinar.

E para constar se passou o prezente e outros, que serão affixados nos logares mais publicos do Concelho.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal, aos 16 de setembro de 1882. E eu Francisco de Pinho Guedes Pinto, Escrivão da Camara, que o subscrevi.

O Presidente da Camara,

*Manuel Firmino d'Almeida Maia.*

## ANNUNCIO

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca de Aveiro e cartorio do 5.º officio Ferreira, se ha-de arrematar em praça no dia 1.º de outubro proximo, por 11 horas da manhã, o predio abaixo declarado, que foi penhorado na execução hypothecaria que Norberto Ferreira Vidal move a Joanna Caetana dos Santos da Palhaça, e que volta á praça por metade do seu valor, visto não ter lançador na primeira praça.

BENS

Uma morada de casas com seu quintal, sita na Palhaça, avaliada em 830$000 reis, e agora em praça por 415$ reis.

Na forma dos precedentes annuncios, são por este citados quaesquer credores incertos que se julguem com direito ao referido predio.

Aveiro 17 de setembro de 1882.

No impedimento do escrivão respectivo.

O Escrivão substituto

*Francisco Nicoláu F. Vieira.*

Verifiquei a exactidão.

*Almeida Medeiros.*

## VENDA DE SAL

Por me terem pedido particularmente, do Porto, Minho, Douro e mais provincias, sal que tenho feito seguir de prompto, resolvi comprar uma porsão d'este genero, podendo por isso satisfazer de prompto a qualquer requizição, sendo os preços os mais modicos possivel.

A correspondencia deve ser-me dirigida para Aveiro, praça da Fruta.

*José Maria d'Oliveira Vinagre.*

## INJECÇÃO da CRUZ ROXA

De A. BOUVIER, Pharm.º de Paris

Sulfotanato de Zinco e Saturno. Infallivel e a Melhor das conhecidas.

Adstringente, tonica e balsamica, dura poucos dias, sem outro tratamento e radicalmente, os fluxos recentes ou chronicos, brancos, etc.

Emprego: R. VAN ASSCHE & Cie.

Deposito em Aveiro, F. A. de Moura.

## SINGER

MACHINAS PARA COSER — "SINGER" — FAMILIAS E INDUSTRIAL

As melhores e bem conhecidas machinas de costura que não teem rival, vendem-se a preços de 500 reis semanaes ou 10 por cento menos a prompto pagamento sómente na

COMPANHIA FABRIL SINGER

*AVEIRO 75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79*

## CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

Avisamos o publico de que, em vista da grande acceitação e do bom resultado que em toda a parte do mundo tem tido as machinas de costura legitimas SINGER mais de duzentos fabricantes construiram machinas de costura com a mesma fórma e typo da nossa, para d'este modo as poderem vender e enganar o publico como se fossem legitimas SINGER, sendo isto mais uma prova em que se reconhece a grande superioridade da nossa machina SINGER, por todos a quererem imitar.

Todas as pessoas que comprarem uma machina de costura devem exigir sempre uma conta com o numero da mesma e as palavras legitimas machinas da COMPANHIA FABRIL SINGER, para evitar serem enganados com as *inferiores imitações*.

O unico deposito central da

COMPANHIA FABRIL SINGER

na rua de José Estevão n.os 75 a 79 (em frente do edificio da Caixa Economica)—AVEIRO.

FELIAL NA VILLA DE OVAR

## OS PROTECTORES DO CALÇADO

Acabam de chegar ao deposito das machinas do SINGER da rua de José Estevão n.º 75 e 79, um grande e variado sortimento dos magnificos PROTECTORES DO CALÇADO, a mais util invenção do seculo; economizam quando menos seis vezes o valor em solas e tacões evitando que estes e aquellas se damnifiquem.

Adaptam-se, sem encomodo a todo o calçado d'homens, senhoras, ou crianças.

Quem uzar uma vez, não mais ABANDONA.

PREÇO 200 REIS

## TABACARIA MOREIRA

Na extracção da loteria de Lisboa de 22 do corrente sahiram n'este estabelecimento os seguintes premios:

| | |
|---|---|
| 3052 | 1:000$000 |
| 3099 | 100$000 |
| 3022 | 100$000 |

## POBRESA DO SANGUE

FEBRES, DOENÇAS NEVROSAS

VINHO DE BELLINI

(Quina e Columbo)

Este VINHO fortificante, tonico, febrifugo, antinervoso, cura as Affecções escrofulosas, Febres, Nevroses, Côres pallidas, Irregularidades e Empobrecimento do Sangue, etc. Recommendado ás Creanças, Senhoras debeis, Pessoas idosas ou Enfraquecidas por Doenças ou Excessos.

PREÇO: 1,000 REIS.

Exigir-se o rotulo e sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh. DETHAN, Ph.co em PARIS

Em Aveiro F. A. de Moura.

## PÓS DE GRANITO COR DE ROSA

ao Perfume de Heralia Alambreada

O MELHOR DE TODOS OS DENTIFRICIOS

Expedição franca de porte pelo correio.

Em Aveiro, F. A. de Moura

A onde se vende tambem a

## AGUA DOBRAL

especial para a hygiene da boca e constante conservação d'um alento perfumado.—Preço 2 francos e 50 c.

## ALGODÃO SINGER — TORÇAL SINGER

Fabricado expressamente para as machinas de cozer.

Vende-se a retalho e por atacado, com bom desconto e a preços baratissimos na

COMPANHIA FABRIL SINGER

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

AVEIRO

## PRENSAS PARA AZEITE

A Fabrica de Fundição do Ouro, no Porto, continúa a construir as importantissimas PRENSAS DE FERRO de grande força, com o pezo de 3:900 kilos de ferro, as quaes tem conseguido extrair do bagaço da azeitona, 7 canadas d'azeite de cada prensada de 32 alqueires de bagaço, depois de ter sido exprimido nas varas, como tem provado pelos importantes attestados que tem recebido e publicado.

Porto, 12 d'agosto de 1882.

L. F. de Souza Cruz & Filhos, (proprietarios.)

## VINHO DA BAIRRADA

Ha para vender um tonel de excellente vinho de meza da adega do Silva, na Pedreira, de Villarinho do Bairro.

## LE LION
## THE LION FIRE INSURANCE A.

COMPANHIA DE SEGUROS ANGLO-FRANCEZA

CONTRA INCENDIOS A PREMIOS FIXOS

CAPITAL DA GARANTIA 4.725:000$000

SUCCURSAL NO PORTO

ALOYZIO A. DE SEABRA

20, Rua de Ferreira Borges 1.º,

CORRESPONDENTES

AVEIRO—ANTONIO FERREIRA FELIX JUNIOR.
ALQUERUBIM—MANUEL MARIA AMADOR.
ANADIA—MANUEL RODRIGUES FILIPPE.
ESTARREJA—CUSTAVO R. DE SOUZA.

## MAISON DE FRANCE

NOVIDADE EM CHAPEUS

Os proprietarios d'este estabelecimento, tem a honra de participar ao respeitavel publico, que abriram uma verdadeira exposição de elegantes chapeus, executados segundo os modellos das mais acreditadas modistas de França para senhoras e creanças.

Arranjam-se todos os chapeus antigos, pondo-se á moda pelos ditos modellos, e há todos os preparos para os confeccionar, bem como um bonito e variado sortimento de cascos de palha para chapeus de todas as qualidades desde 500 reis até 4$500.

## ATELIER DE VESTIDOS

Executam-se vestidos e confecções com a maxima perfeição, e rapidez e por preços muito resumidos, assim como enxovaes completos para noivas á vista dos ultimos figurinos, que todas as semanas se recebem de Paris.

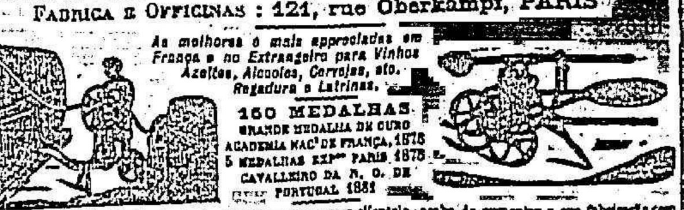
Satisfazem-se encommendas de todas as terras do reino e ilhas encarregando-se dos transportes com a maior promptidão.

N. B. Todos os artigos de modas são vendidos na MAISON DE FRANCE, por preços consideravelmente resumidos, e por isso os proprietarios d'esta casa esperam merecer a deferencia dos seus clientes.

Lisboa—Travessa de Santa Justa, 61, 1.º andar

## BOMBAS J. MORET & BROQUET, BROQUET S.R

FABRICA E OFFICINAS: 121, rue Oberkampf, PARIS



As melhores e mais appreciadas em França e no Extrangeiro para Vinhos, Azeites, Alcooles, Cerrajas, etc. Regadura e Latrinas.

150 MEDALHAS. GRANDE MEDALHA DE OURO ACADEMIA NAC. DE FRANÇA, 1876. 5 MEDALHAS EXP.ᵃˢ PARIS 1878. CAVALLEIRO DA R. O. DE PORTUGAL 1881

La Casa BROQUET, pelas instancias da sua numerosa clientela, acaba de augmentar a sua fabricação com uma nova Bomba de embolo e volante, cujos resultados e preço excedem em vantagens todos os systemas conhecidos, para os vinhos carregados de bagos e cachinhos. — PIDA-SE O CATALOGO.

## VELOUTINE ICH. les FAY

Gran éxito en Paris

POLVO DE ARROZ ESPECIAL PREPARADO CON BISMUTO INVISIBLE Y ADHERENTE, dá al cútis frescura y trasparencia.

INVENTOR CHARLES FAY, 9, RUE DE LA PAIX, PARIS

Se vende en las Farmacias, Perfumerias, Beluquerias y tiendas de quincalla.

Desconfiar de las falsificaciones.

Em Aveiro, F. A. de Moura.



Aveiro—Typographia Aveirense—Largo da Vera-Cruz